Fausto Curto

A mãe de Dom Bosco

3ª edição

EDB

Conforme Novo Acordo Ortográfico

2006 © Titulo original em italiano: *La mamma di Don Bosco*,
Editrice Elle Di Ci.

Todos os direitos reservados:

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B
Salas 65/66 – Asa Sul
70350-525 Brasília (DF)
Tel: (61) 3214-2300
Fax: (l1) 3242-4797
cisbrasil@salesianosdobrasil.org.br

EDUCADORA DE UM SANTO

CAPRIGLIO, UM PUNHADO DE CASAS

A 17 quilômetros de Chieri, uma pequena extensão de terreno rodeado de colinas amenas e de bosques, 400 habitantes ao todo.
No dia 1º de abril de 1788, nascia Margarida Occhiena.

Em 1888, passado um século, morrerá seu filho João, sua glória, sua obra-prima.

Foram seus pais: Melchiorre e Domenica Bossone, camponeses de algumas posses, ricos de amor de Deus. Margarida foi a terceira de cinco irmãos e irmãs.

TOQUE DESABALADO DE SINOS

Margarida tem 9 anos e assiste à revolta dos republicanos contra o rei Carlos Emanuel IV. Os camponeses empunham forcados e tridentes para ajudar as tropas reais. Em 1799, marcham sobre Asti ao grito de "Viva o Rei!". Mas são rechaçados pelos franceses que os perseguem de herdade em herdade, fazendo enorme carnificina.

CRISTO PRISIONEIRO

Aos oitenta e dois anos, acompanhado por um comissário da República, Pio VI passa por Casale e, na noite de

24 para 25 de abril de 1799, é encerrado na cidadela de Turim. O calvário espera-o no Delfinado: o ancião vestido de branco será conduzido através da neve e do gelo dos Alpes.

O coração dos católicos — entre os mais fervorosos os da casa Occhiena — gemem impotentes pelo que acontece com o sucessor de Pedro.

FOME E VEXAME

Pelo que ocorre a seu soberano, por causa da tirania dos franceses, o Piemonte vive dias duríssimos. Impostos muito altos, serviços prestados à força, presentes dados sob intimação, requisição de mantimentos e de peças de vestuário, escassez de víveres e epidemias dizimando o gado. Angústia por todo o lado. A pequena Margarida, na escola da mãe, passará uma infância dura, entre oração e trabalho.
Possui decisão e força de vontade, a par de inato bom senso. Auxiliada pela graça divina, cresce desenvolta, franca e leal.

"JA, JA! Bo, BO! BOJA!"

Setembro de 1799. Margarida tem apenas onze anos.

Os austro-russos tomaram a Lombardia aos franceses e invadiram o Piemonte.

Os invasores são alvo de ódio e desprezo.

Margarida está vigiando o milho posto a secar ao sol.

Alguns cavalos tomam de assalto a preciosa graminácea, — Fora daqui, seus brutos! Fora daqui! — e vocês (dirigindo-se aos soldados) suas baratas descascadas de lá do outro lado dos Alpes, que é que vocês estão olhando?

— "Ja, ja" — responderam os soldados, rindo como costumam fazer os que não entendem o que dizem os outros.

— Vocês estão rindo, seus trouxas! E nós, o que vamos comer neste inverno, hem?

— "Ja! Ja! Ja!"

— "Bo! Bo!"

— "Ja! Ja!"

— "Boja", sim e que "boja"! Esperem aí! Eu é que vou tomar conta dos seus cavalos.

Sem esperar respostas, com o cabo do tridente, tocou os cavalos, espetando-lhes os flancos com as pontas de ferro. Os cavalos saíram em disparada e os soldados atrás deles.

— "Ja! Ja!" — gritava Margarida, rindo por sua vez.

— Boja! Boja! [1]

[1] Faremos frequentes citações, sem indicar as páginas, de "Mamãe Margarida", a vida escrita por G. Battista Lemoyne e impressa em 1886 pela *Tipografia e Libreria Salesiana.* Foi certamente o melhor presente que este grande filho de Dom Bosco pôde oferecer a seu querido Pai.

PAZ DEPOIS DA TEMPESTADE

Napoleão rechaça os austríacos, restabelece a paz e a ordem. Sua vontade férrea nivela tudo, mas, afinal, os camponeses podem trabalhar protegidos contra as incursões de bandos semelhantes aos de Mayno; podem finalmente dormir tranquilos.

Para Margarida houve momentos de consolação e alegria, depois de tantas angústias. Em 1803, o 7º cinquentenário do milagre eucarístico de Turim; em 1804, a passagem de um Papa que, desta vez, não está mais prisioneiro: é Pio VII que volta de Paris, onde coroou Napoleão. Em meio ao entusiasmo geral, ele fica três dias na cidade de Turim.

De todo o Pie monte vem gente para festejar o Papa. Cinco anos mais tarde o mesmo Papa tornará a passar por ali — desta vez prisioneiro — com destino a Grenoble. Há de demorar-se algumas horas no Castelo do Barão Rignon, em Ponticelli, entre Santena e Chieri, na terra de Margarida!

A COLINA LUMINOSA

Os Becchi: um punhado de casas na orla de um bosque, departamento de Murialdo, a meio caminho da estrada que vai de Capriglio a Castelnuovo.

Numa daquelas pobres casas, vivia Francisco Bosco. Era quatro anos mais velho do que Margarida. Casara-se aos dezoito anos e, um ano depois, já tinha um filho Antônio. Morava com ele sua velha mãe, que era tratada com toda veneração.

Passados poucos anos, Francisco — homem trabalhador, bom cristão, muito chegado à Igreja — perde a esposa. Quem olhará pelo filho e pela querida velhinha?

O CHAMADO

— Minha querida Margarida, você não é mais uma menina. Já está com vinte e quatro anos, minha filha.

— Mas eu não tenho vontade de me casar; gostaria de ficar em casa para cuidar do senhor e da mão na sua velhice.

— Mas, para isso, temos as outras filhas. Mariana parece-me a mais talhada para isso e não quer absolutamente casar. Você é robusta, tem força de vontade e um grande coração. Em casa Francisco há um lugar vazio que você poderia ocupar. Faria de mãe para Antônio e também para outros filhos que Deus lhe quisesse mandar. Diante de Deus, parece-me ser este o caminho que você deve seguir.

— Obedeço. E que Deus me ajude!

No dia 16 de junho de 1812, Francisco Bosco recebia a companheira afetuosa e fiel; sua mãe ganhava uma filha respeitosa e obediente; Antônio passou a ter ao seu lado um anjo vigilante e destemido. Em seguida, José terá uma guia segura; João, uma mestra de penetrante intuição.

DUAS MULHERES

Moram agora juntas sogra e nora, ambas respondendo pelo mesmo nome: “Margarida”.
Vida difícil e monótona? Não. A velha mãe de Francisco a tinha recebido em casa com indizível alegria e nela havia depositado grande afeição e confiança.

Margarida pagava a sogra com amor e obediência filial.

Tinham ambas as mesmas inclinações para o trabalho, a economia e a caridade; obedeciam aos mesmos princípios de educação, o mesmo amor as orientava: o amor de Deus.

DOIS SANTOS

Ao passo que na pobre casa de Margarida, nos Becchi, chora Joãozinho, em Castelnuovo (que será chamado mais tarde Castelnuovo Dom Bosco), um meninozinho de quatro anos, pela sua precoce bondade e atitude na igreja, era chamado de “santinho”: José Cafasso.

Homens feitos, os dois meninos lutarão juntos contra o mal, cada um segundo a própria índole, ambos com o mesmo ardor de santos.

Os dois santos se formaram sobre os joelhos de suas mães, respirando o mesmo hálito da graça que nelas morava.

CEIFADO PELA MORTE

Deus é misterioso nos seus desígnios.

Uma pneumonia fulminante, um túmulo.
Venha, Joãozinho; venha comigo, você não tem mais pai.

Fazendo um último esforço, Francisco tinha dito, como num suspiro: — Margarida, os nossos filhos! Mas sobretudo Joãozinho!

Ficava órfão aos dois anos, ele, o futuro pai de milhares de órfãos!

SOFRENDO O PESO DA CARESTIA

Uma terrível carestia cai sobre a região em 1816.

Com a carestia, a fome, as epidemias. Margarida não desanima. Tem algum dinheiro guardado.
Em Murialdo, não há mais nada para comprar. Um amigo, com a bolsa de Margarida na mão, dirige-se aos mercados na vizinhança. Dois dias de fome e de agonia. “Nada, não se encontra nada”, é a resposta do amigo ao retornar.

DE JOELHOS, MEUS FILHOS!

— Ao morrer, meu marido recomendou-me ter sempre confiança em Deus. Venham, ajoelhemo-nos e rezemos...
Vamos matar o vitelo!

— Hurra! — E o estábulo é tomado de assalto. Com o auxílio de um vizinho, um tal Bernardo, o vitelo... é logo reduzido a pedaços e cozido na panela.

DEPOIS DA CARESTIA

A vida retoma o ritmo normal de cada dia, serena e feliz. Jovem como é, poderá Margarida suportar sozinha o peso dos filhos?

— Deus me deu um marido e mo tirou: morrendo, ele me confiou três filhos que eu nunca hei de abandonar...

— Mas você poderia confiá-los a um bom tutor!...

— Os filhos precisam de uma mãe, não de um tutor. E a minha velhinha?

Ficou no seu lugar de mãe e de filha.

UM OLHAR DE DEUS

Era o olhar de Mamãe Margarida. Seguia por toda parte os seus filhos. Se os mandava brincar nos prados vizinhos, advertia: “Lembrem-se de que Deus os está sempre vendo”.

Se os via às vezes pensativos e receava que estivessem alimentando algum rancorzinho: “Deus os vê e até os seus pensamentos”.

DEUS NO UNIVERSO

Noite estrelada. “Foi Deus quem criou o mundo e pôs lá em cima tantas estrelas. Se o firmamento é tão belo, como não será o Paraíso?”

Olhando o prado florido: “Que coisas bonitas Nosso Senhor fez para nós!”.

Trovoada, tempestade. “Como Deus é poderoso! Quem lhe pode resistir? A gente não deve nunca fazer pecado!”

Granizo: é a fome. “O Senhor deu-nos muitas coisas boas; o Senhor no-las tira. Ele é o dono. O que acontece é sempre o melhor.”

O pão está cheiroso sobre a mesa: "Deus é pai de verdade, Ele nos dá o pão de cada dia. Pai nosso, que estais no céu".

SUA MÃE SABE MAIS DO QUE VOCÊ

Rezava-se com frequência na casa de Margarida. Mesmo quando já forem homens feitos, há de perguntar- lhes: “Já rezou as orações?”.

Dom Bosco é sacerdote: que importa? Quando, caindo de sono, depois de um dia de intenso apostolado, prepara-se para se deitar, uma voz — a mesma voz — ressoa-lhe aos ouvidos: “Já rezou as orações?”. O filho já as rezou, mas, para dar-lhe prazer, responde: “Vou rezá-las agora mesmo”.

“Muito bem! Porque, você sabe: estude o seu latim, aprenda bastante a sua teologia; mas sua mãe sabe mais do que você: sabe que deve rezar.”

Quem reza se salva!

CABEÇA QUEBRADA

— Mas será possível! Todos os dias você arranja uma. Por que procura aqueles meninos? Não está vendo que são maus?

— É por isso mesmo que vou com eles: se estou junto deles, ficam mais sossegados, são mais bonzinhos, não dizem certas palavras!

— Mas você vem para casa com a cabeça quebrada!

— Foi falta de sorte.

— Está bem. Mas não ande mais com eles.

— Mas...

— Entendeu?

— Se a senhora não quer mesmo, não vou mais; mas quando estou no meio deles, fazem todos a minha vontade e não brigam tanto...

Um sorriso e depois: — Então vá!...

Qual o mais generoso? O filho ou a mãe?

POR OUTRO LADO, ERA MUITO RIGOROSA

Não queria que os filhos andassem atrás de desconhecidos nem saíssem de casa sem licença.

— O sol está tão bonito! Por que não vão brincar lá fora?

— Para não contrariar mamãe.

Era a resposta habitual que davam. Aliás, no sonho dos nove anos, este vai ser o sinal de predestinação: a obediência à mãe! Mesmo na presença do Senhor de majestoso aspecto e da Virgem resplandecente, Joãozinho, embora sonhando, dirá: “Quem é o Senhor? Minha mãe não quer que eu fale com pessoas que não conheço”.

O PÃO BENTO

Os três estão lá em cima da colina. Alongam o olhar para ver se a mãe já está de volta do mercado. Quando ela aparece, dão gritos de alegria e correm para segurar os cestos.

— Trouxe o pão bento para vocês! (Era um docinho.)

— Eu! Eu!

— Devagar; antes, quero saber: como se comportaram? Obedeceram à vovó? Você foi fazer o que mandei?...

A arte do diálogo entre pais e filhos é a arte de educar.

AQUELE QUE POUPA A VARA NÃO AMA SEU FILHO

É o que lemos na Bíblia, no livro dos Provérbios. Se por vara se entende a repreensão e às vezes o castigo, na casa de Margarida havia a vara. Uma verdadeira vara, embora não fosse nodosa, lá estava também.

Ficava perto da vovó, aliás, paralítica.

— Venha cá, apanhe a vara.

Lá iam eles buscar a vara e entregá-la à avó. Mas, quando ela se preparava para dar o primeiro golpe, a vara ficava no ar... Vinha então a palavra severa de repreensão, seguida não raramente de uma carícia.

SOU MAIS FORTE DO QUE VOCÊ

José está fazendo capricho.

Margarida toma-o pela mão. O menino atira-se ao chão, esperneia, grita.

— Pode gritar à vontade. Não deixo você ir, mesmo que fosse preciso ficar aqui o dia inteiro. É você quem deve ceder.

José continuava a espernear...

— Será que não compreende que eu sou mais forte do que você? Fique sabendo que não vai vencer-me e se continuar assim, Nosso Senhor vai segurar você e levar para o seu tribunal. E então, como é que vai fugir?

ESTAVA COM SEDE?

— Mamãe, estou com sede.

— Estou com sede, mamãe!

— Água! Água!

— Calma, calma! Aqui está a água!

— Primeiro eu! (É Joãozinho quem grita.)

— Para você, Antônio; para você, José.

Mamãe oferece depois água a Joãozinho, mas ele, despeitado por ter sido o último, faz sinal que não quer.

Margarida não diz nada e repõe a bilha no seu lugar.

— Mamãe!

— Que é?

— A senhora não vai me dar água?

— Pensei que não quisesse.

— Perdão, mamãe!

— Ah, muito bem! Tome a água.

PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS

Todas as noites o terço.

Chega a vez de os meninos dizerem: "Perdoai as nossas ofensas...”.

— Esperem um pouco, manda Margarida, esperem um pouco. Antônio, você não pode dizer estas palavras.

— Mas estão no Pai-nosso!

— Não, você não deve dizê-las.

— Por quê?

— Seria uma mentira na sua boca. Está esquecendo que não quis perdoar àquele menino? E até quebrou-lhe a cabeça?

— Mas ele me ofendeu!

— Como você quer que Nosso Senhor o perdoe, se você não quer perdoar os outros?

—... então eu perdoo. A senhora me perdoe também, mamãe!

UM BOIZINHO BRAVO

Mas, às vezes, Antônio ficava tão furioso que não entendia mais nada.

Cerrava os punhos, esticava os braços e atirava-se contra Mamãe Margarida, urrando: "Madrasta! Madrasta!".

Teriam bastado àquela robusta camponesa dois bofetões bem dados.

Margarida fixava no enteado um olhar tão penetrante que ele ficava imóvel.

— Escute, Antônio: eu o chamei de filho e, quando disse isto a primeira vez, foi para sempre. Você é meu filho porque é filho de Francisco, seu pai, porque Francisco entregou você a mim, porque eu o amo como filho. Se quisesse bater-lhe, bem que poderia fazê-lo: você teria de ceder. Mas não quero abusar da minha força.

Faça como quiser, mas você é que está errado!

Antônio abaixava a cabeça... e afastava-se. Quantas vezes Margarida teve de suportar seus rompantes de raiva? Raciocinar com ele?

A caridade é paciente... sabe esperar!

VIDA DURA, DE MILITAR

De militar? Certamente. A vida não é um combate?

Para a primeira refeição, pão somente, pão seco e nada de frutas. Longas caminhadas. Trabalho duro no campo.

Poucas horas de sono, sobre o enxergão duro.

Um dia, João entrará no Seminário. Voltando para casa, nas férias, ouvirá de sua mãe:

— No seminário, você tem colchão; aqui, vai dormir de novo no enxergão. É melhor que se acostume a dormir com menos comodidades: a gente se habitua depressa a elas!

João se desenvolve como os carvalhos.

MÃE SEM ENTRANHAS?

Cercado por um grupo de rapazolas que riem descaradamente, um velho os entretém com conversas indecentes. Margarida volta da missa com os filhos. Chega-se ao velho e o desmascara indignada. Depois, dirigindo-se aos filhos:

— Vocês sabem quanto os amo! Se tivessem de tornar-se semelhantes àquele velho, preferiria que Deus os fizesse morrer agora mesmo. Estaria disposta a estrangular os três com as minhas próprias mãos!

GENTE CORAJOSA!

Ao entardecer, um homem suspeito ronda o vinhedo dos Bosco.

Mamãe Margarida observa-o e adivinha suas intenções.

De noite narra o fato! Estão boquiabertos.

— O homem vai voltar esta noite. Nós não vamos nos deixar roubar. Todos de plantão. Calados! Quando eu der o sinal, gritem com toda força: “Ladrão! Pega ladrão!”.

Escuridão.

Uma sombra movendo-se nos limites do vinhedo. Apenas cortou o primeiro cacho, Margarida dá o sinal.

Logo, os três, batendo latas e barras de ferro, põem-se a gritar a plenos pulmões:

— Ladrão! Pega ladrão! Polícia! Daquele lado! O ladrão está ali!

Está ali? Estava ali!... Desapareceu na escuridão.

REUNIÃO DE FAMÍLIA

Embora não o mereça, Margarida cerca Antônio de todas as atenções: fá-lo seu conselheiro. A paz numa família é o primeiro tesouro, depois da graça de Deus. Em 1823, João tem oito anos, Antônio vinte. Margarida tem a intuição de que João não foi feito para os trabalhos do campo e quer mandá-lo estudar em Castelnuovo. Já Antônio fora para lá enviado pelo pai, bem como José.

— Por que mandar João estudar? — resmunga Antônio. Pegue na enxada como eu!

— Mandando João estudar, não estou mostrando nenhuma preferência. Você também frequentou a escola...

— Certo, mas na sua idade, João ainda não tem condições de frequentar a escola!

— Não tem importância. Os tempos mudaram. Hoje, muita gente faz o curso superior.

— E ele também! ...

— Não se preocupe. Sua parte na herança não ficará prejudicada.

— Chega! Essa história de estudos, estudos! Não concordo mesmo!

Mamãe Margarida resolveu esperar. Somente quando sua irmã Marianna Occhiena, que ficara solteira, for trabalhar na casa do capelão de Capriglio, João poderá fazer os estudos elementares, nos invernos de 1824 e 1825, na escola do padre Lacqua.

“MAMÃE, QUERO SER SALTIMBANCO!”

Qualquer aldeã, por menos séria e reservada que fosse, teria ficado estupefata com semelhante proposta.

Mamãe Margarida compreende: o desejo do filho não é uma extravagância, é um meio de apostolado.

— Arranje-se como puder — disse-lhe —, mas não me venha pedir dinheiro. Eu não tenho!

— Eu me arranjo.

E soube mesmo sair de embaraços.

MATA MAIS A GULA...

Em cada acontecimento uma lição de moral. João arranjou uma pega, toma conta dela, vai amestrando-a. Traz um dia uma cesta de cerejas. Uma cereja naquele bico aberto e sôfrego, uma segunda, uma terceira... vinte cerejas...

A pega morre!

— Todos os gulosos acabam assim! — sentencia Margarida. — As intemperanças abreviam a vida!

CORAÇÃO DE MÃE NÃO SE ENGANA

No pequenino quarto, aquecido mais pela ternura materna do que pelas chamas de uma estufa, João teve, aos nove anos, um misterioso sonho.

Meninos que blasfemavam. Socos do menino. Um Senhor misterioso, uma Senhora luminosa. Lobos, ursos... cordeirinhos mansos. “Joãozinho, põe-te à frente destes meninos. Eu serei tua guia, dá-me tua mão.”

Pela manhã, conselho reunido na casa Bosco.

José: — Você vai ser pastor de muitas ovelhas.

Antônio: — Vai ser chefe de bandidos.

Vovó: — Não se deve acreditar em sonhos.

Margarida põe no filho olhos que veem longe:

— Quem sabe ele não vai ser sacerdote?!

Tinha razão.

O FUTURO DO FILHO

Um dia, enquanto João esticava a corda para brincar diante da turma de meninos reunidos no pátio da casa, Margarida o contemplava pensativa, reprimindo a respiração.

Chega de repente Catarina Agagliati, cumprimenta-a e indaga:

— Então, como vai, Margarida?

Margarida estremece como que saindo de um sonho, volta-se para sua interlocutora e lhe diz em voz baixa mas acalorada:

— O que você pensa do meu filho? O que ele vai ser?

— Ele está destinado certamente a fazer o diabo do mundo! O diabo irá perceber isso!

"HOSPEDARIA CHÁRITAS"

Pode-se dar esse nome à casa de Margarida Occhiena.

Fica entre os bosques e, mais de uma vez, em plena noite, os bandidos batem à porta.

— Os bandidos?

— Eles mesmos.

Margarida não está protegendo bandidos; sabe que também são filhos de Deus. Aquela pobre gente está apenas com fome.

Não dá somente o que comer: proporciona-lhes ainda um abrigo para a noite. Um palheiro ao qual se chega por uma abertura que não desperta suspeitas nos policiais, é um leito de causar inveja. E os policiais? Também eles lá iam às vezes à procura de uma cadeira para esticar as pernas, de um abrigo contra o frio, de um copo de vinho oferecido de boa vontade. Soldados, ladrões, vendedores ambulantes... Na "Hospedaria Cháritas" há lugar para todos...

Ousadia e caridade de uma santa mulher!

PERSPICÁCIA DE MÃE

Sem um motivo justo, não se deve negar um divertimento aos filhos.

Um realejo chegou à colina. "Há dança!" A voz vai passando de sítio em sítio. "Baile, minha gente!"

— Mamãe, vamos nós também! — gritam os filhos de Margarida.

— Esperem aqui; vou ver de que se trata.

Margarida dava uma olhadela no ambiente e logo decidia: sim ou não, conforme o caso. Sua palavra era lei.

GASTA TUDO COM A VELHINHA

Vovó Margarida estava nas últimas. A nora ficou ao seu lado dia e noite, como uma verdadeira irmã de caridade.

Não media as despesas.

— Se gasta todas as suas economias com a velha, o que vai restar para você e seus filhos?

— É a mãe do meu marido e, portanto, minha mãe.

Devo respeitá-la e servi-la.

— Mas não vê que são cuidados inúteis?

— Prometi ao meu Francisco, antes que morresse, cuidar da mãe dele. Se todas as despesas que faço servissem para prolongar-lhe a vida, nem que fosse por um só minuto, dar-me-ia por muito feliz.

As derradeiras palavras da velhinha foram:

— Um último beijo no tempo — beijou Margarida, querendo beijar a todos —; espero rever vocês todos, muito mais felizes, do outro lado.

O GRANDE DIA

No domingo de Páscoa, 26 de março de 1826, Joãozinho fez a sua primeira comunhão.

— João, meu filho, Deus vai conceder-lhe um grande dom; procure preparar-se bem!

Isto lhe dissera a mãe, nos dias que antecederam a solenidade; ela mesma acompanhou-o para confessar-se.

— Estou convencida, meu filho (e suas intuições eram sempre infalíveis) de que Deus tomou de verdade posse do seu coração. Vá comungar com frequência; sacrilégio, jamais! Confesse sempre tudo ao confessor. Seja sempre obediente. Frequente de boa vontade o catecismo e ouça com atenção os sermões. Fuja como da peste àqueles que têm más conversas.

O PRIMEIRO BENFEITOR DE JOÃOZINHO

— Fique tranquilo, eu vou me interessar por você e pelos seus estudos. Diga a sua mãe para vir aqui domingo à tarde, com você. Vamos combinar tudo.

Chegado o domingo, Margarida voou à casa paroquial de Morialdo, para confiar ao padre Calosso o seu "portento". É que o bom padre repetiu-lhe diversas vezes:

"Seu filho é um portento de memória! Faça o que puder e souber, mas ponha este menino para estudar; esta é a vontade de Deus".

E a oposição de Antônio, o enteado? Procurou-se não aborrecê-lo. Combinou-se alternar trabalho no campo e estudo. Saber vencer é uma arte.

A MESMA INTUIÇÃO

— O senhor não quer ir ver algum dos espetáculos da nossa festa?

João dirige essas palavras ao então clérigo Cafasso, que responde:

— Os espetáculos próprios para os padres são as funções da igreja! ... Aquele que abraça o estado eclesiástico vende-se ao Senhor...

— Mamãe, eu o vi! Eu falei com ele!

— Com quem?

— Com José Cafasso. Creio que é mesmo um santo!

— Procure então imitá-lo! Um clérigo que mostra tais sentimentos há de dar um padre santo. Será o padre dos pobres...

Ainda uma vez Margarida devassava o futuro.

O SACRIFÍCIO DE ISAAC

Joãozinho era um novo Isaac, imolado no altar da paz familiar, pelas próprias mãos de sua mãe. Desta vez, em lugar de sustar o gesto de Margarida, o anjo coloca-se ao

lado de João, no instante em que ele se separa dos seus e afronta a primeira etapa incerta da sua vida.

Entre Antônio e João, Margarida sacrifica João; entre o enteado e o filho, sacrifica o filho.

Estamos no mês de fevereiro de 1828. Antônio completou vinte e cinco anos naquele mês. Margarida poderia ter-lhe dito: "Tome o que é seu e vá viver sua vida".

Qualquer outra o teria dito. Mas a delicadeza de Margarida é incomensurável. Antônio representa o pai morto. Margarida não poderá mostrar-se minimamente infiel à memória de seu marido. João, embora pobre, era senhor de sua casa. Mas vai ser agora empregado na herdade dos Moglia, longe de sua mãe.

ARTE TEATRAL

Faze dois anos que João é empregado dos Moglia. Lá está ele pastoreando o gado. Passa-lhe ao lado o tio Miguel, irmão de Margarida.

— Olá, João, você está satisfeito?

— Não posso estar contente, porque não posso estudar. Os anos estão passando...

— Deixe por minha conta. Vou pensar nisso. Volte logo para casa e diga a sua mãe que passarei lá, para falar com ela.

O rapazinho voltou para casa.

Festa, abraços, lágrimas de alegria?

Nada disso! Lá estava Antônio; Margarida não quis que ele a julgasse cúmplice daquela volta. Que sucedeu então? Muitas recriminações por ter deixado o trabalho e ordem para voltar imediatamente para o emprego.

Pobre mãe! Quantos abraços e beijos não teria querido dar no filho! Ainda bem que João intui o drama materno; foi encostar-se atrás da cerca, à espera do tio Miguel, que vai assumir toda a responsabilidade.

Era possível que aquela situação continuasse?

João tinha os seus direitos; não era mais uma criança, queria estudar. Por que não poderia fazê-lo?

DESFAZ-SE O NÓ

Convencida de que Antônio jamais permitiria que João estudasse, Margarida não quis sacrificar seu filho, mais inteligente; não quis privar a Igreja de um sacerdote; resolveu proceder à repartição dos bens.

Antônio protestou!

Margarida não se deixou demover: foi mister recorrer ao tribunal de justiça. As formalidades requeridas pela lei exigiam alguns meses, mas, afinal, a justiça triunfou.

João viu desimpedido o caminho para o altar. Sua mãe — anjo luminoso — estava a seu lado.

Quando Margarida colocou João junto ao alfaiate Giovanni Roberto, na qualidade de aprendiz, para que

pudesse frequentar as escolas de Castelnuovo, disse-lhe ao despedir-se:

— Seja devoto de Nossa Senhora. Só isso. Era tudo!

QUE É QUE SE PODE FAZER?

— Eu gostaria tanto de poder conversar com o meu vigário! Tive esta alegria com o padre Calosso: por que não posso tê-la também com os outros?

— Que é que se pode fazer? — respondia Margarida ao seu João. São homens de muita ciência e cheios de preocupações, que não podem parar para conversar com um rapazote como você.

— Mas o que lhes custaria dizer-me uma boa palavra, parar alguns minutos para ouvir-me?

... O diálogo continuava cerrado. João tinha argumentos irrefutáveis. No fim, Margarida atalhava:

— Não digo que você esteja errado; mas que é que se pode fazer?

DUAS MÃES

João vai estudar: é o que Deus quer. Aos dezesseis anos, um novo sonho-visão vem confortá-lo no árduo caminho.

— Olhe, João, todo este rebanho (era numerosíssimo) eu confio aos seus cuidados — disse-lhe a Senhora. — Não tenha medo; eu estarei a seu lado.

Aqui, a Mãe do Céu.

E a mãe da terra? Margarida não admite mais obstáculos. João irá a Chieri. Dá-lhe a notícia com o costumeiro sorriso e começa a preparar-lhe o enxoval. Permite que o filho se humilhe e faça uma coleta para arranjar alguma coisa. Assegura-lhe uma pensão de toda confiança: João ficará alojado na casa da senhora Lúcia (uma conterrânea de Margarida), que vai morar em Chieri, para que o filho possa estudar. Prestar-lhe-á algum serviço, a fim de aliviar a pensão.

Aliás, Margarida desde cedo habituou-o a qualquer espécie de sacrifício, seja físico, seja do seu amor-próprio.

LÁ TAMBÉM EXISTE UMA PROVIDÉNCIA, NÃO É?

2 de novembro de 1831. Margarida entrega a João alguns queijos, um saco de trigo e de milho.

— É tudo quanto lhe posso dar. A Providência há de proporcionar-lhe o que falta!

Acompanha seu filho até às escolas públicas de Chieri. Diz a Lúcia:

— Aqui está meu filho e aqui tem o dinheiro da pensão. Fiz a minha parte, ele fará a sua. Espero que você fique satisfeita com ele.

Comovida, mas cheia de alegria, voltou para sua aldeia. O seu menino encontrou finalmente o caminho: há de percorrê-lo a passos de gigante.

A GRANDE MESTRA

João terminou o curso ginasial em Chieri. Quer ser sacerdote.

Entrará no seminário? Entrará no convento dos Franciscanos?

Mas, fazendo-se frade, como poderá ajudar Margarida na sua velhice?

É o que pensa também o bom do pároco, padre Dassano, que fala a respeito disso com Margarida.

Esta vai a pé até Chieri, chama o filho e tem com ele um diálogo que é uma obra-prima:

— O pároco esteve comigo e disse-me que você está querendo se fazer religioso. É verdade?

— É verdade, mamãe. Creio que a senhora não tem nada a opor.

— O que quero é que você estude bem o passo que está para dar e que depois siga sua vocação sem se preocupar com ninguém. A primeira coisa que importa é a salvação da alma. O pároco queria que eu dissuadisse você desta decisão, considerando que eu posso vir a precisar do seu auxílio. Mas eu lhe digo: nessas coisas eu não entro, porque Deus está em primeiro lugar em tudo. Não se preocupe comigo. De você eu não pretendo nada: nada espero de você. Guarde bem o que vou lhe dizer: nasci pobre, vivi na pobreza, quero morrer pobre. Ainda mais: se você se decidisse pelo estado de padre secular e, por desgraça, ficasse rico, eu nunca mais iria fazer-lhe uma única visita. Lembre-se bem do que lhe digo!

Com mais de setenta anos, Dom Bosco tinha ainda diante dos olhos a figura imponente de sua mãe, a energia com que lhe disse essas palavras; aos ouvidos, ressoava-lhe o tom vibrante de sua voz. Foi quando interveio um jovem sacerdote: o padre Cafasso.

— Continue tranquilamente seus estudos; entre no seminário e siga pelo caminho que a Providência lhe está traçando.

"NÃO ESTÁ SATISFEITA?"

"No dia 30 de outubro de 1835, eu devia entrar no seminário. O pequeno enxoval estava pronto. Tinha recebido a veste talar em Castelnuovo, no dia 25.

Todos os meus parentes estavam satisfeitos e eu mais do que ninguém.

Apenas minha mãe mostrava-se pensativa, tinha os olhos pregados em mim, como se quisesse dizer-me alguma coisa.

Na véspera de minha partida, chamou-me à parte e me disse estas palavras, que jamais pude esquecer:

‘Meu querido João, você vestiu a batina; sinto aquela imensa consolação que só a uma mãe é dado experimentar pela felicidade de seu filho. Lembre-se, porém, que não é o hábito que honra seu estado, mas sim a prática da virtude. Se por acaso você viesse a duvidar da sua vocação, por piedade, não desonre a veste sacerdotal! Deponha-a antes! Prefiro mil vezes ter um filho simples camponês do que um padre descuidado dos seus deveres. Quando você veio ao mundo, eu o consagrei a Nossa Senhora. Quando você começou os estudos, recomendei-lhe a devoção a esta boa Mãe. Recomendo-lhe agora ser todo dela: ame os companheiros devotos de Nossa Senhora. Se você chegar a ser sacerdote, propague a devoção a Nossa Senhora’.

Minha mãe estava comovida: eu chorava.”

DURANTE O TEMPO DE SEMINÁRIO

Durante os anos que passou no seminário, João foi progredindo sempre mais em santidade e ciência.

Margarida reza e enche-se de alegria com os progressos do filho, à espera do grande dia em que a meta será alcançada. Apenas durante as férias, no verão, o pequeno pátio e a casa enchem-se dos gritos dos meninos que o filho foi recolhendo. O sonho dos nove anos é cada vez mais uma realidade.

Ela reza: nem precisa mais preocupar-se com a pensão a pagar. A isso provê o padre Cafasso e o próprio João, que dá aulas particulares, durante o verão, entre as paredes rústicas de sua pobre casa. Imaginem: ali, onde se ouve ainda a voz de Antônio, que não queria saber de estudos, justamente ali ressoava a voz de João, o professor que todos estimam.

A seguir, o clérigo Bosco começa a pregar com muito sucesso.

— Mas, quem é ele? Não é o filho de Margarida?

PÃO E VINHO

Aconteceu que, de 1839 para 1840, quando ainda estava no seminário, João ficou extremamente debilitado. A morte do amigo Comollo, os longos serões passados em cima dos livros, a mortificação contínua, tudo isso somado levou-o às portas da morte.

Margarida, alheia ao que estava acontecendo, foi visitá-lo e levou ao seu querido João um garrafão de vinho — generoso como o seu grande coração — e um pão de milho.

Mas, na enfermaria do seminário, leva um choque. João está de fato muito doente. Com os olhos rasos de lágrimas, afasta-se, ao anoitecer, da cabeceira do filho e quer levar de volta ao menos o pão.

João pede-lhe que o deixe com ele.

Margarida retira-se chorando.

João fica sozinho... com aquele pão abençoado por Deus e pela sua mãe. Uma dentada, depois outra. Um gole de vinho e depois um outro. O pão desaparece, a garrafa se esvazia.

Veio depois o sono, um sono pesado, longo, interminável (umas quarenta horas!). Depois acordou. Estava curado!

UMA GRANDE PROVAÇÃO

Margarida vive à espera do grande dia. Quanto não tem sofrido! Milhares de sacrifícios, de privações, de paciência, de humilhações!

— Não vai vê-lo padre! — é o grito de Satanás contra ela.

Uma frondosa amoreira fornece a Margarida as folhas para sua criação de bichos-da-seda. Ela não é mais jovem, mas, sempre corajosa, sobe, senta-se num galho. Crac! Um grito, um tombo, Margarida está desmaiada. Quanto tempo ficou assim? Ninguém percebeu.

Quando, finalmente, volta a si, sentada ainda no chão... outro infortúnio: o galho quebrado cai-lhe sobre a cabeça. Sua espaçosa fronte levará por muito tempo a marca do acidente.

Mas Deus não quer que ela morra. Está destinada a ser a mãe de centenas de jovens, pobres meninos, tão pobres como o seu filho, como ela mesma.
E os pobres são bem-aventurados!

DIA DE LUZ, DIA DE PARAÍSO.

5 de junho de 1841. O filho de Margarida tornou-se sacerdote para sempre, pelas mãos de Dom Luís Franzoni.

Na quinta-feira seguinte, dia do Corpo de Deus, foi a Castelnuovo, para a primeira missa na terra natal.

“Todos (conta Dom Bosco) tomaram parte naquela alegria”; em primeiro lugar Margarida, naturalmente, que pôde gozá-la plenamente.

No cálice do filho, com o sangue de Cristo, todas as suas lágrimas!

“Na tarde daquele dia, voltei para o seio da família.

Mas, quando ia me aproximando de casa e vi o lugar no sonho tido quando tinha mais ou menos nove anos, não pude conter as lágrimas. Disse: — Como são maravilhosos os desígnios da Divina Providência! — Na verdade, Deus tirou da sua terra um pobre menino para colocá-lo entre os príncipes do seu povo.

Naquele dia, quando ficou a sós comigo, minha mãe disse: Você agora é padre; celebra a Missa: daqui por diante vai estar mais perto de Jesus Cristo. Lembre-se, porém, que, celebrar a missa significa começar a sofrer. Não vai percebê-lo logo, mas, pouco a pouco, você vai ver que sua mãe tinha razão e lhe disse a verdade. Estou certa de que todos os dias você vai rezar por mim, seja enquanto eu estiver viva, seja quando morrer; isto me basta. Daqui por diante, pense somente na salvação das almas e não se preocupe absolutamente comigo!’.”

O Espírito Santo trabalha nas almas, é certo, mas no coração daquela camponesa fez prodígios de graça.

Missa de Cristo, sofrimento do sacerdote!

LUTA CONTRA O DINHEIRO

O primeiro ministério que foi oferecido ao neossacerdote Bosco foi o de professor na casa de um rico senhor genovês.

Roupa, comida, mil liras por ano.

Os parentes e os amigos fazem pressão sobre Margarida: as mil liras seriam para ela!

— Meu filho em casa de gente rica?

O que faria ele com mil liras? O que faria ela? O que faria delas seu irmão, se depois João viesse a perder sua alma?

ANOS DUROS

Foram os anos dos inícios.

Dom Bosco foi chamado pelo padre Cafasso para estudar no Instituto Eclesiástico. Mas o estudo não basta ao neossacerdote. Ainda no ano da primeira Missa, no dia 8 de dezembro de 1841, à luz da Imaculada Virgem Maria, ele dá a primeira aula de catecismo a Bartolomeu Garelli.

Com o catecismo, o jogo, o oratório. Sede fixa é que não havia. Como um repolho, é transplantado de um lugar para outro; vê-se objeto da ira, do escárnio de muitos. Poucos o compreendem, poucos o ajudam, entre estes, o padre Cafasso e o teólogo Borel.

A mãe não vê o filho senão durante alguns dias de repouso, em outubro, na festa do Rosário. Percebe que está cada vez mais magro. O camponezinho que cresceu forte e sadio ao ar livre, entre o trabalho e suas acrobacias, é hoje um homem gasto, de semblante pálido.

Margarida não intervém, não procura arrefecer o zelo de seu filho: ele está no caminho certo, o caminho dos pobres e do trabalho.

NÃO SE AGUENTA MAIS DE PÉ

Em outubro de 1845 Dom Bosco não se aguenta mais de pé. Deve recorrer a sua mãe, à paz da sua colina. Deixará a multidão dos seus filhos, mas levará consigo uma representação. Sete diabinhos levam alegria e vida à casa de Margarida. É o primeiro contato que ela tem com os filhos de seu filho, aqueles mesmos que serão seus também, em Turim.

O palheiro se transforma em magnífico e bem arejado dormitório. De Morialdo até Castelnuovo, de toda a vizinhança, chegam meninos à procura do grande amigo.

Entre a sobrecarga de trabalho e a barulheira doida que fazem os diabretes, Margarida tem os olhos rasos de lágrimas.

São lágrimas de alegria: o sonho dos nove anos já é uma realidade. Ela e seu filho é que adivinharam.

O MAL É SÉRIO

Embora em repouso, tendo a alegria de ouvir os gritos dos meninos, "a moléstia agravou-se bastante a ponto de eu não poder dar um passo. Desde ontem, melhorei bastante. O que me admira é que apesar de tudo, do meu mal-estar, sinto-me alegre como mais não poderia desejar".

Bem que sua mãe lhe tinha dito: ser padre significa começar a sofrer. Entretanto, no meio de tantos sofrimentos, João estuda e publica sua *História Eclesiástica.*

Margarida é mãe de um escritor. Em breve, como veremos, ela é que vai guiar o filho para que empregue um estilo popular e fácil.

"DOM BOSCO ESTÁ LOUCO!"

Com certeza, essa exclamação chegou até os Becchi, aos ouvidos e ao coração de Margarida.

Mas ela não se perturbou.

Ela também "estava de pé junto à cruz de seu filho", que por Cristo agonizava e parecia apagar-se; estava certa do seu triunfo, da sua vitória, a vitória de Deus.

Não é por nada que, ao dirigir-se o seu João, em companhia de seus molequinhos, em peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Campagna, os sinos começaram a badalar sozinhos, para difundir sobre ele, sobre aqueles pobrezinhos, as bênçãos de Deus. A Páscoa marcou o triunfo de Cristo e de Dom Bosco: entrou na posse da casa Pinardi, a sede estável do Oratório, a terra das promessas e dos sonhos, a terra da Auxiliadora.

O VIÁTICO PARA DOM BOSCO

O triunfo da Páscoa deveria forçosamente desencadear o furor de Satanás. Ele tentou um golpe de mestre.

Encarniçou-se sobre Dom Bosco como sobre Jó. Fazia algum tempo que o santo escarrava sangue. Improvisamente sobreveio uma bronquite que, em oito dias, levou-o às portas da morte.

Acompanhada por José, Margarida voou à sua cabeceira. Encontrou-o morimbundo. O viático. Chora o teólogo Borel, choram os coroinhas que levam as velas e representam todos os meninos do Oratório, chora desolado José; Margarida agoniza com o filho.

A igreja da Consolata viu chegarem numerosos grupos de jovens, que choram e rezam, da manhã até tarde da noite.

Às lágrimas e às orações juntam-se os jejuns, a oferta da própria vida... Dom Bosco devia sarar.

O teólogo Borel teve uma intuição.

Todos tinham rezado por Dom Bosco; mas ele mesmo (sua oração tinha eco no céu!) não tinha rezado por si próprio.

— Diga ao menos: “Senhor, se for da vossa vontade, curai-me”. Faça-me este favor, meu querido Dom Bosco; peço-lhe em nome dos nossos filhinhos. Repita estas palavras, repita-as de coração!

— Sim, Senhor, se for da vossa vontade, curai-me...

Um sono profundo, um acordar para a vida, sua vida, vida de sua mãe, vida dos seus caros filhos.

NOS BECCHI, A RESSURREIÇÃO

João chegou aos Becchi “bastante sacudido pelo burrinho” montado no qual tinha feito a viagem. A frescura “realmente vivificadora” das suas colinas e, acima de tudo, o afeto solícito de Mamãe Margarida completaram o milagre.

Para se ter uma ideia da delicadeza de coração daquela camponesa, basta-nos ler este trecho de uma carta de Dom Bosco ao teólogo Borel: “Envio-lhe dois pombinhos aqui de casa, os quais espero, serão do agrado do padre Pacchiotti; por mim, mandava dois frangos, mas minha mãe não concordou, por ser de opinião que essa espécie de alimento deve-se comer no lugar onde é produzido”.

MÃE DOS MENINOS POBRES

UM DILEMA IMPERIOSO

— Ou o senhor volta para Turim, ou nós transportaremos o Oratório para os Becchi. Foi este o dilema proposto a Dom Bosco pelos meninos que “em pequenos grupos, vinham a pé de Turim aos Becchi, para vê-lo”.

Voltar para Turim, ir morar em Valdocco? Sozinho?

Agora não está mais no Instituto da Barolo, de quem recebia alimento e assistência. Pôr em casa uma mulher? Que mulher? Se a poucos passos de sua casa fica a famosa estalagem da Jardineira e certos vizinhos? ...

VOCÊ VAI TER UM ANJO A SEU LADO

— Mas você tem sua mãe! — disse o sábio padre Cinzano, o amigo de todas as horas. — Faça com que ela venha com você para Turim: vai ter um anjo a seu lado!

João fica confuso: obrigar a mãe, sua rainha e rainha de José, a um tão grande desapego, a um sacrifício tão duro?

— Minha mãe é uma santa (é um santo que o diz); posso fazer-lhe a proposta.

ESTOU PRONTA

— Meu querido filho, você bem pode imaginar o quanto me custa abandonar esta casa, deixar seu irmão e outras pessoas queridas (os netinhos). Mas, se você julga que isso pode agradar ao Senhor, estou pronta a seguir você!

Disse isso aos 58 anos, depois de uma vida em extremo trabalhosa, tecida de dificuldades e de privações.

DESCENDO AS COLINAS

3 de novembro de 1846. A tristeza do adeus!

Oh, a força que foi necessária para desvencilhar-se do aperto dos braços dos netinhos, que a enlaçavam com a impetuosidade do amor que os prendia à querida avozinha!

Durante a viagem, feita a pé, vieram conversando sobre Deus e sobre seus projetos.

Descansaram em Chieri, na casa amiga dos Valimberti.

A PROVIDÊNCIA NÃO FALTA

Chegados ao Rondó da forca, um encontro: o encontro da Providência. Ela se fez representar pelo teólogo Giovanni Vola Junior. Conta seu biógrafo:

— Por que estão tão cansados?

— Estamos vindo da aldeia.

— E por que vieram a pé?

— Porque não temos... isto (esfregou o polegar no indicador).

— Onde vai morar agora?

— Trago minha mãe em minha companhia e vou morar com ela na casa Pinardi, junto do Oratório.

— Mas você dispõe de meios para montar uma casa?

Está sem dinheiro! Como é que vai tocar a vida para a frente?

— Você me faz uma pergunta à qual no momento não saberia o que responder; em todo caso, estamos nas mãos de Deus; espero que ele não deixe de nos ajudar.

— Em casa está alguém esperando por você e sua mãe?

— Não, ninguém.

— Mas, ao menos, já providenciou alguma coisa para o jantar?

— Não sei o que lhe dizer. Realmente, tenho ainda que pensar nisso. Mas fique tranquilo, a Providência há de dar um jeito.

— Está certo... está certo! Entretanto, se eu soubesse... se eu pudesse ... Não posso deixar de admirar você, de aplaudi-lo, mas é pena que não tenha comigo nenhum dinheiro. Por enquanto, receba isto. Tirou o relógio e lho deu.

— E você fica sem?

— Tenho em casa outro relógio. Venda este e compre o que lhe é necessário. Para voltar para casa eu não preciso saber a hora.

— Está vendo, mamãe, aqui temos uma bela prova de que a Providência olhará por nós. Vamos adiante com confiança.

AI DO MUNDO SE SOUBER!

Dois quartos de dormir, dos quais um é também cozinha; dois quartos vazios; duas pequenas camas, dois bancos, duas cadeiras, uma mesinha, uma panela, uma caçarola, alguns pratos, um relógio dado por caridade.
Era tudo.

— Em casa, desde manhãzinha, eu precisava desdobrar-me para administrar, determinar, mandar; pelo que vejo, aqui vou poder ficar mais tranquila e ter menos aborrecimentos.

Desafoga a alegria que lhe enche o coração:

Ai do mundo se souber que somos forasteiros sem dinheiro!

O ENXOVAL DE ESPOSA... PARA O ESPOSO!

Todos os dias, meninos necessitados batiam à porta do "palácio" de Dom Bosco. Alguns não tinham uma roupinha apresentável para ir solicitar um emprego qualquer.

Que fazer? Despojar-se para vestir.

Alguns lotes de terreno e de vinhedo que Margarida e Dom Bosco ainda possuíam, foram vendidos. Os vestidos, o anel, os brincos, a corrente, todo o enxoval de casamento da pobre mulher, tudo sumiu!
Algumas peças se transformaram em casulas, com outras foram feitas sobrepelizes, purificadores ou toalhas de altar.

A corrente foi vendida para comprar galão e os demais enfeites para os paramentos.

— Quando tive entre as mãos, pela última vez, aqueles objetos dos quais ia desfazer-me, senti-me um pouco perturbada e quase me arrependi. Mas, entrando em mim, disse: Vamos! Que melhor sorte poderia ter tudo isto do que matar a fome de pobres meninos, vesti-los, ou então honrar na igreja o Esposo celeste?

Depois que de tudo me desfiz, senti-me tão alegre que, se tivesse outros cem enxovais, ter-me-ia privado deles sem nenhum pesar.

HORTA MAMÃE MARGARIDA

Não havia nenhum letreiro, mas logo o nome pegou numa nesga de terreno que Dom Bosco quis reservar para sua mãe. Divertimento? Antes de tudo uma extrema necessidade, pela falta absoluta do que comer.

— Vão visitar um padre que chegou a Valdocco com a mãe; tanto eles dois como os seus molequinhos morrem de fome.
Foi o que disse a Marquesa Barolo.

Ainda bem que Margarida tinha-se habituado, e a seu filho, a qualquer espécie de renúncia. A fome que sofriam, tanto Dom Bosco como sua mãe, era por eles amada e admirada pelos bons.

A ÁRVORE DA VIDA

Ela ficava bem na entrada, defronte do portão da casa Pinardi, onde hoje se levanta o coro da Basílica.

— Vou te pegar, vou te matar, ainda que seja nos braços de Dom Bosco! — urrava um pai ateu e embriagado que perseguia o filho, rapaz de seus quatorze anos, pelo crime de frequentar o Oratório.

O homenzarrão empunhava um machado. O pobre rapaz, encontrando a porta fechada, teve uma ideia sugerida pelo desespero: subiu pelo tronco da árvore e escondeu-se entre os ramos. Mamãe Margarida, que presenciou a cena por uma janela, advertiu Dom Bosco, e juntos afrontaram o homem, que vinha chegando com a mulher, e ameaçava arrombar a porta de entrada.

Dom Bosco soube amansar a fera, ameaçando-a de dar parte à polícia. Logo que os pais se afastaram, o rapaz foi chamado para dentro de casa.

A boa Margarida, cujo coração estava profundamente comovido, fê-lo sentar-se ao pé do fogo, ofereceu-lhe uma boa sopa quentinha e lhe preparou um lugar para passar a noite.”

Foi o primeiro asilado, embora por pouco tempo.
Ao lado do pai dos pobres e dos órfãos, a doce imagem de uma santa mãe.

OS HAVERES DE UM PADRE: PÁTRIMÔNIO DOS POBRES

Já falamos da pobreza que Dom Bosco praticava... ajudado por Margarida.

Desçamos aos pormenores.

Limpeza esmerada da roupa, meticulosa: tem a mãe a seu lado! Quanto à fazenda, é barata, até grosseira. Sapatos de sola grossa, tipo militar.

Cama sem cortinas, mesa desguarnecida, nada de tapetes.

Nas paredes algumas oleogravuras, um crucifixo.

Uma ou duas cadeiras de palhinha, uma estufa quase sempre apagada. Se para o filho é assim, imagine-se a pobreza da mãe!

A comida: sopa semelhante à dos camponeses pobres; mais um prato apenas, geralmente um pastelão que Margarida tinha ordem de fazer nos domingos, para ir depois servindo durante a semana, tanto no almoço, como

no jantar. Isto até quinta-feira, porque na sexta e no sábado não se comia carne.

A mãe será para o filho um instrumento de mortificação, ela que lhe foi e continua a ser, a mestra.

OH! ANIMAIS NOJENTOS!

— Oh! animais nojentos, deixem Dom Bosco em paz, acabem com isso de uma vez por todas!

Às vezes, entrando no quarto do filho, ao anoitecer, Margarida olhava para o teto e invectivava quem lhe atormentava o sono. Aquilo tinha se tornado um campo de batalha infernal. Era como se pesados tijolos rolassem sobre as tábuas. Ratos? Gambás? Gatos?

As ratoeiras de nada valiam. A água benta foi ineficaz.

Êxito completo teve um pequeno quadro de Nossa Senhora, colocado no campo de luta. Voltou a calma. O filho e a mãe puderam enfim descansar.

QUARTOS VIZINHOS UM DO OUTRO

Margarida "tinha transportado a própria cama para o quarto que ficava mais perto do de seu filho. Vários indícios a tinham persuadido de que Dom Bosco ficava acordado boa parte da noite, entregue à oração. Suspeitava de alguma coisa extraordinária, que não sabia bem definir". Uma vez... durante a madrugada, ouviu Dom Bosco falar no seu quarto. Com quem? Apurou o ouvido. Nada.

No outro dia de manhã:

— Com quem você estava falando esta madrugada?

— Com Luiz Comollo.

— Mas Comollo morreu faz tantos anos!

— Entretanto, foi com ele que eu falei.

“Muito corado, olhar brilhante, Dom Bosco parecia agitado por uma comoção que durou vários dias.”

Que reações teria o coração da mãe? Como Maria Santíssima, ela crê e espera.

SEMPRE MUITO VIVA E FRANCA

Ninguém imagine que Margarida estivesse perenemente calada, arrebatada em êxtase.

Continuava a ser a camponesa viva, arguta, franca que sempre fora.

Uma vez, Dom Bosco foi... à caça e voltou com um convidado para o almoço... uma caça selvagem e mal cheirosa (tratava-se de um jovem que “tinha as mãos e o rosto sujos, cuja blusa estava mais que sebenta”...).

— Oh! — exclamou Margarida em voz baixa — Por que você me trouxe esse porcalhão? Onde o achou?

— É meu amigo, um grande amigo; trate-o bem.

A sopa deu para três.

APAGAR UM VULCÃO?

Imaginem: aquele bendito filho padre!

Em Ivrea, prega para o povo, na paróquia de São Salvador: quatro prédicas por dia.

Ao mesmo tempo é solicitado no Seminário: duas prédicas por dia. No Colégio Cívico está faltando um pregador, é preciso substituí-lo: duas outras prédicas. Oito ao todo, apenas num dia!

Quando volta para casa, está exausto.

— João, esses exageros são excessivos: você vai se gastar logo.

— No Céu, vou ter tempo para descansar.

Se lhe põem na frente o Céu, quem tem coragem de reclamar?

Outra vez, depois de um dia festivo, em que os cantos marciais dos jovens ressoaram a toda hora, Dom Bosco voltou para casa... Estava um trapo!

— Você ainda está vivo? — perguntava-lhe Margarida sorrindo, mas com os olhos rasos de lágrimas.

— Vamos à ceia!

— Deixe que primeiro eu descanse um pouco.

— Pobre de mim! — exclamava Margarida. Sabia muito bem que, se o filho se encontrasse sentado numa cadeira, não acordaria mais, nem mesmo se o sacudisse com seus robustos braços de camponesa.

A culpa era dela mesma. Fora ela quem o educara para o trabalho, para o apostolado.

ISTO TAMBÉM É DEMAIS!

Na soleira da porta, Margarida acaba de escovar a melhor batina que o filho tem. Estende-a na grade e entra um momento para o interior da casa.

Quando volta, a batina tinha sumido.

— João, você está vendo aqueles vagabundos no alpendre dos Filippi? Foram eles que a roubaram!

— E daí?

— É preciso ir reclamar, obrigá-los a restituir.

— E expor-se assim a fazer uma triste figura?

— Você vai então deixar que carreguem sua batina nova, a única que tem?

— Que é que eu posso fazer?

— Você é sempre o mesmo! Não faz caso de nada!

A indenização veio pela Páscoa. A convite de Dom Bosco, muitos daqueles vagabundos do alpendre dos Filippi, vieram fazer a comunhão. Acontece que Margarida... teve de dar um desfalque na sua provisão de vinho: pudera, cada beberrão!

LENÇÓIS E COBERTORES DESAPARECEM

Doía no coração de Dom Bosco. Quantos meninos sem teto! Se pudesse abrigá-los na sua casa! Deve ter falado a respeito com sua mãe... e ela não recusou.

Abril de 1847. Dom Bosco tinha se demorado à cabeceira de um doente. Ao entrar na avenida Valdocco, vinte rapagotes rodearam-no e fizeram-no pagar-lhes um copo de vinho.

Muita alegria, vivas, marcando encontro no Oratório.

— Agora, cada um para sua casa, direitinho!

— Para casa? Quem é que tem casa?

Mamãe Margarida, que tinha esperado com tanta ansiedade pelo filho, teve ainda de vasculhar seu guarda- roupa: lençóis e cobertores para uma dúzia daqueles pobrezinhos que tinham aceitado o convite do padre amigo.

O dormitório foi o palheiro. Dom Bosco tem os olhos rasos de lágrimas; os primeiros meninos abandonados acolhidos na sua casa!

O sonho se torna realidade... Mas foi mesmo um sonho? Na manhã seguinte, nada de meninos no palheiro! Fugiram, levando os lençóis e os cobertores! Pobre Mamãe Margarida, seus queridos lençóis! Alguns, há anos os vinha guardando, limpinhos, cheirosos!

PASSARINHO ENSOPADO DE CHUVA

Todavia, no coração da mãe e do filho, o ninho estava sempre preparado: esperava-se a primeira avezinha que nele se sentisse bem. Ela chegou numa tarde chuvosa do mês de maio, naquele mesmo ano. Fora encaminhada por pessoa arruga.

“A boa Margarida recebeu-o carinhosamente, fê-lo sentar-se junto ao fogo e, quando sua roupinha estava seca, pôs-lhe diante um fumegante prato de sopa de pão.”

Dom Bosco encontrou-o já bem alimentado e disposto. Tratava-se de um órfão que viera de Valsesia, à procura de trabalho.

— Agora, para onde você quer ir?

— Não sei mesmo. Por favor, dê-me aqui um lugarzinho para passar a noite.

O menino começou a chorar... chorou com ele Mamãe Margarida.

— Se você está de acordo, eu arranjo um cantinho para ele passar a noite e, amanhã, Deus proverá.

— Onde pretende acomodá-lo?

— Aqui na cozinha.

— E se ele fugir com suas panelas?

— Vou tomar cuidado para que isso não aconteça.

Alguns tijolos, duas tábuas, o colchão de Dom Bosco, lençóis, um cobertor.

A PRIMEIRA "BOA-NOITE"

“Preparada a caminha, a generosa mulher fez um pequeno sermão ao menino: falou-lhe da necessidade do trabalho, da lealdade e da religião.”
Obrigado, mamãe!
Desde então, seguindo seu exemplo (já se passaram mais de cem anos), em todas as casas salesianas do mundo, o Diretor ou quem o substitui, de noite, antes que os meninos e os salesianos vão se deitar, dirige a eles uma palavra amiga, lança uma semente nos sulcos da alma, dá a “boa-noite”.

O bom senso de Mamãe Margarida, seu zelo, tornam-se norma, recurso educativo.

OS FILHOS SE MULTIPLICAM E O CORAÇÃO SE ALARGA

Passado um mês, na avenida S. Massimo — a moderna avenida Regina — um menino soluça, encostado a um olmo. Suas lágrimas são enxugadas por Dom Bosco: fica sabendo que é órfão, não tem pousada. Poucos minutos depois:

— Aqui trago um segundo filho que Deus nos envia.

Tome conta dele, prepare uma cama para ele.

Em pouco tempo, os filhos de Margarida eram sete, como os sete dons do Espírito Santo. Seu coração tornar-se-á, como o coração de Dom Bosco, tão vasto como as areias das praias do mar.

EM ALTO MAR

Como Margarida, arrancada à tranquilidade da sua colina, pode conseguir adaptar-se ao vórtice da vida oratoriana?

Festa de São Luiz, 1847. Cantos, festões, declamações, fogos de artificio, balões. O arcebispo Dom Fransoni, o Núncio Apostólico, sacerdotes da cidade, membros da cúria metropolitana. Um mar de jovens: 300 foram crismados. De noite, uma procissão luminosa, animada por cantos e vivas.

E Margarida? Dom Bosco certamente não terá deixado de apresentá-la às autoridades, como a mais preciosa colaboradora. Simples e simpática, não terá feito má figura. Seus olhos inteligentes, suas tiradas espirituosas, a luminosidade do rosto emoldurado pela candura da touca, deram ao conjunto uma nota de graça e simpatia.

COM AS SENHORAS DA ARISTOCRACIA

A senhora Margarida Bosco viu-se em breve circundada pela senhora Margarida Gastaldi, pela marquesa Frassati, por uma ilustre dama da corte, por um grupo de outras damas da aristocracia turinense.

"Cada vez mais, dirá Dom Bosco, se fazia sentir a necessidade de ajudar materialmente os nossos pobres meninos. Havia alguns cujas calças e paletós estavam em trapos. Outros não tinham possibilidade de trocar o farrapo de camisa que mal os cobria.”

Muitas senhoras da aristocracia de Turim "pertencendo embora a famílias tão conspícuas e de hábitos requintados, não mostravam repugnância em tomar nas mãos aquelas calças nojentas e conserta-las; aquelas camisas esfarrapadas (é sempre Dom Bosco que fala), que talvez nunca tivessem passado pela água, tomá-las, digo, em suas mãos, lavá-las, remendá-las e devolvê-las aos meninos que, atraídos pelo perfume da caridade cristã, perseveravam no Oratório e na prática da virtude".

Quartel-general desse exército da higiene era o pequeno quarto de Mamãe Margarida. Lá, ela se sentia à vontade em companhia daquelas generosas senhoras, com as quais competia na gentileza das maneiras e nobreza de sentimentos.

Valia a pena ver a senhora Gastaldi!

Parecia mesmo um general do exército. Cada domingo punha os meninos em fila e examinava um por um, para ver se tinham trocado a camisa, se haviam lavado as mãos e o pescoço.

"Ela passava grande parte do dia na rouparia do oratório, ajudando Mamãe Margarida a conservar tudo em ordem."

Assim, a boa mamãe não se sentia tão sozinha e recebia estímulo do exemplo de tantas outras generosas e distintas senhoras.

O PRIMEIRO ATENTADO

O fato foi espalhafatoso.

Foi justamente em 1848. Numa tarde de domingo Dom Bosco estava dando catecismo aos mais crescidos, no coro da capela. De repente um forte estampido, uma nuvem de fumaça, gritaria dos meninos, caliça pelo chão, um sobressalto no coração de Margarida. Atiraram em Dom Bosco!

Tê-lo-iam matado?

Não, felizmente. Um simples raspão na batina, na altura do peito. Ela é que vai ter de remendar e, ao fazê-lo, sentirá sob a carícia das mãos o coração do filho... rezará para que aquele coração possa ainda bater por muitos anos, bater para Deus, por todos os jovens, para ela.

UM LIVRÃO A MAIS

— Você tem agora sobre a mesa um livro tão pesado... Até canso quando vou tirar o pó! Que livro é esse?

— Um dicionário da língua italiana, mamãe.

— Um dicionário?

— Sim, quem me aconselhou foi o senhor Sílvio Péllico.

— Sílvio? Aquele homem de bem, aquele distinto senhor?

— Ele mesmo. Disse-me assim: Dom Bosco, faça como eu: tenha sempre um dicionário sobre sua mesa e consulte-o com frequência.

É um prazer apresentar entre os hóspedes de Dom Bosco, de sua mãe portanto, o autor de *As minhas prisões.* Ele vinha "não raramente" procurar Dom Bosco. Quantas vezes Margarida o presenteou com seu luminoso e encorajante sorriso!

A ex-casa Pinardi é agora o lugar onde se encontram almas de grande nobreza; do seu contato brota luz, brota o desejo de coisas celestes.

BATALHAS DE RUA

Justamente como quando ele tinha de 9 para 10 anos. “Um dia (conta-nos ele),um grande número de meninos externos tiveram a triste ideia de vir baterem-se a pedradas bem perto do nosso oratório.

As pedradas eram tão violentas que certamente causariam a morte de quem por acaso fosse atingido.
Percebendo logo o que ia acontecer, corri para o local e, com gestos e gritos, procurava conter aqueles insensatos. Tudo em vão.”

As pedradas caíam com um baque surdo sobre o coração da mãe.

Da janela do seu quarto ela acompanhava o aflitivo espetáculo, as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, enquanto movia os lábios em oração. Aliás, que mais podia fazer?

Desde pequeno, aquele filho não se mostrara disposto a deixar que lhe quebrassem a cabeça, contanto que pudesse impedir o pecado.

Afinal, ela mesma tinha dado licença... Estava agora colhendo os frutos!

Os frutos tinham vindo, sem dúvida, embora uma vez Dom Bosco tivesse recebido uma tamancada no rosto, "guardando a marca por vários meses".

Quem se curvou sobre o rosto ferido? Foi ela, como outrora, com o mesmo carinho, com a mesma fé.

FEIJÃO

Vendo que o número dos meninos acolhidos aumentava sempre (em 1848 já eram 15 e, se um saía, o lugar era logo ocupado por outro), Margarida perguntou ao filho:

— E o que você vai dar-lhes para comer, se não temos nada?

— Daremos feijão, não se preocupe.

— Mas se você continua desse jeito e todos os dias traz para casa novos meninos, não terá nada para quando ficar velho.

— Terei sempre um lugarzinho no hospital do Cottolengo. Mas, se este meu empreendimento é obra de Deus, ele irá para diante.

Margarida descansava tranquila na palavra do filho, testemunha que era dos contínuos milagres da Divina Providência.

RANCHO

Ao meio-dia, os meninos que tinham ido ao centro trabalhar neste ou naquele emprego, voltavam para o... rancho.

"Cada um, com uma tigela ou uma panelinha de barro na mão, aproximava-se do caldeirão que fumegava sobre o fogão, ou sobre um banco colocado junto da porta de entrada. Então, Mamãe Margarida, muitas vezes Giuseppe Buzetti, ou mesmo Dom Bosco, com uma concha na mão, faziam a distribuição da sopa."

MAS... E O PÃO?

Será que Margarida tinha de fazer o pão, cortá-lo, distribuí-lo? Seria coisa impossível: nunca o teria conseguido.

"Deve-se lembrar que, naqueles primórdios, em vez de nos dar pão quando estávamos à mesa, todas as noites, Dom Bosco nos reunia, a nós aprendizes, e distribuía a cada um 25 centavos, para que o comprássemos, dia por dia.

— Nos seus olhos — dizia o padre Reviglio — brilhava um raio de tanta simpatia e carinho, acompanhado de um sorriso tão suave, que, passados cinquenta anos, parece-me ainda vê-los: é-me impossível esquecê-los e, ainda hoje, me enchem de consolação.

Ao mesmo tempo, ele nos ia dizendo:

— A Divina Providência me dá o que vou entregando a vocês."

BRAÇOS ENLAÇADOS

Os braços do filho e os braços da mãe.

"Não se fiando em pessoas externas para fazer o serviço, ele dividia com a mãe todo o trabalho doméstico.

Sua mãe acendia o fogo e ele ia buscar a água, peneirava a farinha, catava o arroz.

Às vezes, debulhava com ela as vagens, descascava as batatas. Também rachava lenha, para evitar-lhe um trabalho pesado.

Para evitar despesas com o alfaiate, ele mesmo cortava e costurava as calças, camisas e casacos; com o auxílio da mãe, em duas horas *uma roupa completa estava pronta."*

UMA GRAÇA ESPECIAL

"Todos a chamavam de mãe.

Quando precisavam de alguma coisa, os jovens recorriam a ela que, podendo, satisfazia logo o pedido."

Não teria podido fazer mais pelos seus próprios filhos, João e José.

COMO DOM BOSCO

"Margarida procura instruir e reproduzir o modo de ser de Dom Bosco. Na maneira de governar a casa, na economia, interpretava fielmente sua vontade. De tal maneira captava seus pensamentos, que Dom Bosco se admirava de ver feita uma coisa, antes mesmo de ter falado nela.

A presença de Mamãe Margarida no oratório parecia — podemos mesmo dizer —, era indispensável.

Todas as vezes que precisava sair por alguns dias, deixava em casa um grande vazio. Quando voltava, era recebida com festivas aclamações de alegria."

PEDAGOGIA ADMIRÁVEL

"Sempre alegre, sempre carinhosa e generosa, ganhava o coração de todos.

Era um encanto ver a parte que tomava na direção do Oratório.

Estava sempre vigiando para que tudo saísse bem: ouvia-se infalivelmente sua voz, quando se tratava de repreender, admoestar, ordenar, impedir qualquer desperdício.

Mas sabia condimentar a advertência com o elogio.

Sua eloquência natural, enérgica, rica em imagens e em parábolas, atraía a atenção, muitas vezes, do próprio Dom Bosco que, sem ser visto, a observava e ouvia com prazer, admirado frequentemente com o vigor de suas palavras.

Os jovens ouviam-na em respeitoso silêncio, de maneira que a boa senhora tanto mais desafogava seus sentimentos, quanto menos resistência encontrava.

E quem teria ousado opor-se à mãe de Dom Bosco?

Mas ela não se prevalecia de tal prerrogativa; ao contrário, nunca usou dela para exercer domínio no Oratório.

Tinha o máximo cuidado para que o filho não precisasse sustentar sua autoridade, com prejuízo da confiança dos jovens, que ele conquistara."

NADA DE DUALISMOS

"Soube evitar também as pequenas invejas, aquela espécie de dualismo de governo, as susceptibilidades que vão surgindo num grupo de pessoas que diferem entre si por índole, pelas inclinações, por educação, por razões de oficio.

Por isso, quando a veste clerical foi imposta ao primeiro jovem que aspirava à carreira eclesiástica, conferindo-lhe certa autoridade, ela começou logo a tratá-lo como seu superior; evitou absolutamente tudo o que dizia respeito a correções, admoestações ou deliberações.

Desde aquele momento, mostrou-se humilde e submissa, diante de um jovem clérigo, o qual, agora como

antes, continuava a chamá-la respeitosamente com o nome de mãe.”

Evitar intrometer-se no governo da casa, abster-se de dar a própria opinião, sobretudo se se trata de uma mulher de mais de sessenta anos, é prova de muita argúcia e domínio de si.

SUAS ADVERTÊNCIAS

Quando Margarida ainda estava sozinha com o filho, era ela que, de acordo com Dom Bosco, cuidava da casa.

Os meninos mais cabeçudos e grosseiros eram objeto de seus mais carinhosos e perseverantes cuidados.

Tinha sempre em mira a justiça e a caridade. Esta, apoiada naquela, punha-lhe nos lábios palavras francas, ardorosas, fruto de bom senso e de experiência.

Se não as reproduzíssemos tais e quais, teríamos a impressão de as estar mutilando:

“Às vezes ia ao encontro de algum desses meninos indisciplinados, que ninguém consegue dominar:

— Ora, vamos! Quando é que você vai começar a ser um bom rapaz? Você não vê que está parecendo com o cavalo de Gonella (personagem legendário), que só no rabo tinha cem feridas?

Toda gente se esforça para ser capaz de fazer alguma coisa; você, ao contrário, lança mão de todos os meios para se mostrar um mau rapaz e obrigar os outros a ralharem com você.

Vamos, experimente só um dia como é bom ser estimado pelos companheiros, ver os seus superiores com rosto sereno, não ter feito nada que mereça castigo, pensar que Deus está contente com você!”.

O remate do sermãozinho é sempre Deus.

COM OS PREGUIÇOSOS

“Uma outra vez, dirigia-se àquele tal que de má vontade aprendia um ofício:

— Desde a manhã até à noite Dom Bosco sua sangue para conseguir um pedaço de pão para você, e você não quer trabalhar?

Não sente remorso de comer seu pão sem merecer?

Que vergonha! Será possível que você não tenha coração? Que não se decida de uma vez por todas a consolar quem lhe quer tanto bem?

Se agora você não aprende um ofício, como poderá ganhar seu pão, quando for homem?

Em todo caso, você terá de comer! E então? Quer ir parar na cadeia? A infâmia de hoje é a infâmia de amanhã, o inferno de hoje é o inferno de amanhã.”

COM OS GULOSOS

“Se surpreendia algum comendo com demasiada avidez, ou comendo demais, ou abatido por causa de alguma indigestão, dizia:

— Vejam só! Os animais, que são, afinal, animais, comem só o necessário, nunca mais do que o necessário. E você está estragando desse modo a saúde!

Quem não sabe refrear a gula não é homem e a gula é a mãe de mil vícios.

Quer morrer moço? Quer ir acabar os dias num hospital?”

A OFICINA OU O “RONDÓ”?

“Aconteceu que um rapazinho recolhido da rua, logo nas primeiras semanas não queria saber de ir à oficina.

Passando perto dela, procurava esquivar-se, mas chamou-o e lhe disse:

— Você não quer trabalhar; quer comer o pão ganho com o suor dos outros. Pois bem, quando você for homem feito e estiver fora daqui, não vai ter outro meio para viver do que roubar e tornar-se assassino: aí está o seu futuro.

Ouvindo isso, o jovem procurava fugir-lhe, mas a boa mãe continuou, retendo-o:

— Não, fique. Não se zangue, ouça-me. Está vendo ali o Rondó? (Mostrava-lhe, ali perto, o lugar onde, naquele tempo, eram executados os condenados à pena capital.) É o patíbulo que talvez esteja esperando por você, pobre rapaz! Acredite em mim! Tome cuidado com você mesmo.

O menino chorava. Margarida, abrandando a voz:

— Mas há remédio para tudo, sabe? Se você quiser se emendar, a coisa é fácil. Procure desde agora ser obediente, respeite seus superiores e vá logo trabalhar. Comece a rezar direito! Comece a rezar direito!”

AGRIDOCE

"Nas mais variadas circunstâncias encontrava as palavras adaptadas, seja em público, seja em particular, de acordo com a necessidade.

Mas para fazer uma ideia exata da eficácia de suas palavras, teria sido preciso vê-la e ouvi-la.

Não somente meninos, mas rapazes e até clérigos, foram vistos chorar em razão de suas afetuosas admoestações.

O que, porém, nela mais causava admiração era que, mostrando-se habitualmente serena, sabia passar, num instante, da repreensão ao elogio.

Acabava de dar um aviso, quando via passar ali por perto um rapaz cuja conduta era correta. Chamava-o:

— Venha cá! Muito bem! Continue assim como você começou. Dom Bosco está contente com você e Nosso Senhor também!

Não se esqueça do prêmio que está preparado no céu para os bons; procure merecê-lo.”

Os *RESULTADOS*

“Com tudo isso não queremos afirmar que a eloquência de Margarida produzisse resultados infalíveis. Havia os mais travessos que, enquanto ela falava, elevando a voz, pareciam uns anjinhos. Mas depois, quando Mamãe Margarida se afastava, faziam-lhe caretas.

A cena tomava então um aspecto interessante: abria-se uma janela e Dom Bosco aparecia no momento exato.

O menino, surpreendido em flagrante, cobria o rosto com as mãos.

Margarida, certa de tê-lo convencido, subia ao quarto do filho, para confiar-lhe, comovida:

— Pobres filhinhos! Se a gente não fala claro, não entendem! Mas já puxei-lhes as orelhas; você vai ver como vão se emendar! Têm bom coração! Mas são ainda muito jovens! Não sabem refletir! Vamos tratá-los com caridade. A caridade sempre triunfa!"

CUIDADO, JOÃO.

“Todos os sábados à noite os jovens aprendizes, que trabalhavam no centro, traziam o salário da semana e o entregavam a Dom Bosco, como ficara combinado.

Um deles, mal intencionado, querendo guardar para si o dinheiro, arranhou o rosto e, choramingando, contou, na presença de Dom Bosco e dos companheiros, que fora assaltado por ladrões, que lhe haviam tirado o dinheiro e ainda batido, porque procurara defender-se.

Dom Bosco mostrava estar com pena dele, quando Mamãe Margarida aproximou -se do filho e lhe disse em voz baixa:

— Você está acreditando no que ele diz?

— Sei que quer enganar-me; mas, se neste momento não finjo que estou acreditando nele, vai perder a confiança.”

Prudência de uma parte, caridade da outra. Mas o tempo deu razão a Mamãe Margarida.

COM OS QUE TINHAM SIDO CASTIGADOS

“Por outro motivo ainda, Mamãe Margarida merecia o maior dos elogios. Não perdia de vista os que tinham recebido alguma repreensão dos chefes de secção, ou os que estavam de castigo.

Estava convencida de que eles não devem ser deixados entregues a si mesmos, ruminando o fel que brota em alguns, quando são contrariados. É preciso arrancá-los ao peso da humilhação que mereceram.

— Aberta a ferida, é preciso o emplastro, costumava dizer. A gente precisa convencê-los de que é para seu bem que se usou severidade.”

INTERVENÇÃO EM DOIS E EM *TRÊS ATOS*

“Qui non laborat non mangiorat! Este ditado estava sempre nos lábios dos aprendizes da casa Pinardi: quem não trabalha não come!”

Primeiro ato

“Acontecendo que algum, por preguiça ou por algum outro motivo, cometia uma falta qualquer; tomando conhecimento do ocorrido, Dom Bosco ia-lhe ao encontro:

— Então, como vai? Que anda você fazendo? É verdade o que me dizem a seu respeito? Será possível que você não queira mesmo ter um comportamento correto? Se fosse você o superior e eu, ocupando o seu lugar, tivesse um procedimento igual ao seu, que faria você? Julgue você mesmo. Que é que você merece?

Dito isso, Dom Bosco voltava para seu quarto, deixando o faltoso entregue às suas reflexões; este, chegada a hora do almoço, em vez de ir para o refeitório com os outros, ficava sozinho num canto do pátio, pensativo, mortificado, de cabeça baixa.

Segundo ato

Não tardava que Mamãe Margarida lhe fosse ao encontro:

— Que foi que você fez? São essas as consolações que você nos dá? O que nós queremos é o seu bem. E então, por que você não se decide a ser bom e trabalhador? Se agora, com tantos bons exemplos que tem diante de si e com tantos bons conselhos que recebe, você ainda procede como um meninozinho sem responsabilidade, o que será quando for homem feito e estiver longe daqui? Vai ser um infeliz! Meu pobre filho!

E ia tirando do bolso um pedaço grande de pão, onde estava escondido um pedaço de carne. Tanta bondade, inspirada por um coração de mãe, enternecia o culpado até às lágrimas. Muitas vezes recusava-se a aceitar o presente, mas uma ordem de Margarida liquidava o caso.”

DOM BOSCO NÃO É TUDO

“Outras vezes, depois que os meninos tinham acabado a refeição, Margarida ia buscar algum que se tinha escondido num quarto porque sabia que merecia castigo e não queria ficar diminuído diante dos companheiros.

— Que foi que você fez? — dizia-lhe. Não foi certamente boa coisa, não é? Sempre os mesmos aborrecimentos! Mas eu não vim aqui para repreender! Você promete ser bonzinho? Sim? Então eu tiro você do castigo.

Assim dizendo, levava-o para a cozinha, onde recomeçava:

— Quantos aborrecimentos você já deu a Dom Bosco! Ele se mata para dar-lhe o necessário e é assim que você paga? Vamos, vá pedir-lhe perdão.

— Sim, eu vou... vou pedir perdão a Dom Bosco, como a senhora está dizendo.

— Mas não basta pedir perdão a Dom Bosco, isso não é tudo. E Deus? Você sabe quem é Deus? Antes de tudo, é a ele que você deve pedir perdão. Ele viu tudo o que você fez...

Enquanto lhe preparava o almoço, enquanto lhe punha na frente a sopa, e o jovem, arrependido e consolado, prometia mudar de vida, ela recomendava:

— Mas não diga a ninguém que lhe dei comida. Eu faria uma triste figura: haviam de dizer que eu estou protegendo suas travessuras.”

NA AUSÊNCIA DE DOM BOSCO

Como se explica que, na ausência de Dom Bosco — justificada pelos seus numerosos compromissos espirituais nas prisões, nos hospitais, nas casas de educação; por ocasião de missões, de tríduos, de novenas; como confessor de vários institutos — tudo o que dizia respeito ao Oratório procedesse em perfeita ordem e tranquilidade?

Lá estava ela!

“O raro bom senso de Margarida valia um tesouro.

Ela sabia resolver qualquer dificuldade, prevenir qualquer inconveniente, reparar qualquer tropeço. Não se mostrava embaraçada em nenhuma circunstância.

Sabia receber as visitas, tratar com as autoridades, fossem elas quais fossem, resolver qualquer negócio; comprava, vendia.

Para ela tudo era simples e fácil; com nada se perturbava; via tudo, conhecia tudo.

Quando o filho voltava para casa, ia-lhe ao encontro.

Se percebia que ele estava preocupado, nada lhe dizia sobre o ocorrido durante a semana, deixando tudo para outra ocasião mais propícia. Se, ao contrário, via-o alegre e jovial, dava-lhe conta de tudo, tintim por tintim, mas, de maneira concisa, sem fazer comentários. Retirava-se depois, para entregar-se às costumeiras ocupações domésticas.”

O GRANDE FERMENTO

O fermento de toda a atividade de Margarida era a oração.

O espírito de oração é a mestra da sabedoria.

Margarida rezava continuamente.

Missa diária, comunhão frequente (ainda mais se considerarmos a mentalidade daqueles tempos!).

Visita (ou melhor, "visitas") ao SS. Sacramento. Rosário perpétuo... rezava durante todo o dia!

"Quantas vezes interrompia um Pai-nosso ou uma Ave Maria, para dar um conselho a este, uma ordem àquele ali, ou fazer uma observação a um terceiro. Entrava um jovem na cozinha e ela estava com as mãos ocupadas:

— Por favor, tire do fogo aquela acha de lenha: é demais; isso é queimar dinheiro! ... *Dimite nobis debita nostra!*

— *Eia ergo advocata nostra:* você aí, pegue a vassoura e varra aquele canto.

Às vezes, chegava à janela e chamava um aluno:

— Você está vendo aquele lençol que o vento jogou no chão? Ponha-o de novo na corda! ... *Angele Dei) qui custos es mei* ..

Também acontecia que, enquanto rezava, aparecia um menino:

— Mamãe, queria falar um pouquinho com a senhora!

Ela interrompia logo a oração, inclinava-se para ele, ouvia o pedido, respondia e retomava a prece serenamente."

Deixava Deus... por Deus.

"MAMÃE, COM QUEM ESTÁ BRIGANDO?"

"Se estivesse em companhia de outras pessoas, balbuciava apenas as palavras; mas, quando sozinha, era em voz alta, por horas e horas, que desafogava seus afetos com Deus.

Do quarto vizinho, Dom Bosco ouvia tudo. Vez por outra, para distraí-la um pouco, chamava-a e perguntava:

— Mamãe, com quem a senhora está brigando?

— Ah, não, eu não brigo com ninguém! Estou rezando pelos nossos meninos e pelos benfeitores.

Quantas vezes, se lhe sobrava um momentinho, corria para a capela, para junto de Jesus Sacramentado!"

"A confiança que minha mãe depositava na oração era ilimitada" — dirá Dom Bosco.

TEMPOS CALAMITOSOS

Os tempos se tornavam cada vez mais difíceis. Os acontecimentos políticos assoberbavam os ânimos.

Pedras eram atiradas sobre o telhado do Oratório, contra suas portas e janelas. Dois tiros de espingarda foram disparados contra os padres Borel e Carpano.

Amedrontados os meninos, seu número passou de 500 para apenas uns quarenta. Embora sentisse as apreensões que experimenta toda mãe, Margarida nunca demonstrou medo, não disse nunca: volto para a segurança da minha colina...

O Senhor reservava-lhe dores bem mais pungentes: os atentados conta o seu João. Imaginamos, porém, que ela, lembrada das visões do filho, manteve sempre a fé, jamais titubeou.

Aliás, no meio de tantos perigos, brilharam dias de alegria.

Na solene festa de São Luiz, durante a procissão, Margarida pôde ver, de ambos os lados da imagem do santo, dois nobres senhores com uma tocha na mão. Eram os dois irmãos Cavour, o marquês Gustavo e o conde Camilo.

GUERRA DENTRO DE CASA

Uma guerra verdadeira, empregando espingardas de verdade — mas sem balas — que Dom Bosco obteve do Governo. O general era Giuseppe Brosio.

Ex-aluno do Oratório, ele havia combatido no corpo de elite da infantaria. Vinha agora todos os domingos ao Oratório, com sua brilhante farda. Ginástica, evoluções, imitações de manobras, eram uma atração para os meninos que se tinham momentaneamente afastado.

Olhos brilhantes de alegria, Margarida contemplava o infante comandando suas tropas. Mas, ai! Foi justamente ele e os seus soldados que lhe causaram o maior desgosto.

A "horta Mamãe Margarida" era uma horta de paz e não de guerra. Alface, alho, cebola, feijão, cenoura, pimenta, salsa, capim para os coelhos: tudo isso era uma fortuna para a casa. Para a mamãe camponesa do Oratório, era um trabalho agradável, uma distração.

Um belo dia, Brosio — o infante — dá o sinal de ataque com a corneta. Seus homens, no ardor da peleja, não veem mais nada. Avançavam, derrubam a cerca, invadem a horta, pisam nos canteiros, estragam tudo: uma grande batalha! Margarida gritou, o comandante deu a ordem "alto!". O exército nada ouve porque a manobra fica coberta pelos gritos frenéticos dos assistentes que aplaudem.

— Olhe, João, veja o que o soldado fez! Estragou minha horta inteirinha!

— Mamãe, que é que vamos fazer? Eles são jovens.

Não foram poucas as lágrimas de Margarida; justas lágrimas!

UMA PURA ALEGRIA

Outubro devia trazer Dom Bosco e sua mãe aos Becchi para um curto mês de férias.

Como se faria para a missa diária?

A igreja de Capriglio ou a capela de Morialdo distavam alguns quilômetros. Ora, a missa cotidiana era o centro da vida espiritual de Margarida e dos meninos que deveriam vir aos Becchi para celebrar a festa do Rosário.

Sempre muito afeiçoado e dedicado a Dom Bosco, foi José que resolveu a situação. Transformou um quarto de sua casinha em capela. No dia 8 de outubro de 1848, o teólogo Cinzano foi benzê-la, dedicando-a justamente a Nossa Senhora do Rosário.

Era o primeiro edifício sagrado que Dom Bosco consagrava ao culto da Virgem Maria!

Margarida estava toda feliz por ter Deus querido vir morar corporalmente na sua casa que, aliás, fora sempre casa de oração!

UM GRANDE LUTO

No dia 18 de janeiro de 1849, morreu Antônio, o enteado de Margarida.

Ele costumava vir de vez em quando visitar Margarida e o ex-Joãozinho que hostilizara alguns anos antes.

Tinha certamente mudado o modo de pensar. Valorizava o amor sincero de Margarida, mostrava-se-lhe agradecido.

Sentiu um certo mal-estar; não era nada de grave, pensou.

Depois, a morte repentina.

José tinha enviado a infausta notícia.

Justamente, Dom Bosco e Margarida estavam se preparando para ir aos Becchi. Lá foram para os funerais. Margarida, rezando por Antônio, pôde dizer ao seu Francisco que o tinha respeitado como um filho.

Quanto sofrera por causa dele! Mas não entrava em lamentação por causa disso: Antônio fora respeitado e Joãozinho seguira seu caminho.

Importava agora cuidar dos dois órfãos de Antônio.

Um, chamado Francisco, foi recebido no Oratório e tornou-se marceneiro.

O outro ficou nos Becchi, talvez para fazer companhia à mãe viúva.

Dom Bosco, certamente a pedido da vovó Margarida (enquanto viveu), não deixou de socorrê-los em suas necessidades.

A CASA DE "PROPAGANDA FIDE"

“No dia 2 de outubro de 1849, Dom Bosco recebeu no Oratório um menino mouro, Alexandre Bachit". Foi o primeiro de tantos outros que lhe enviou o padre Olivieri, que os comprava nos mercados de Alexandria do Egito.

“Tornando-os bons cristãos, não se pode dizer com quanta paciência e demonstrações de paterno afeto os tratasse; fazia-o deliberadamente porque sabia muito bem a saudade imensa que traziam no coração.”

Remédio insubstituível para essa saudade eram os cuidados e a ternura de um coração de mãe: Mamãe Margarida.

Ficou tendo um coração ecumênico. Na sua casa não havia nenhuma discriminação racial. Brancos e pretos, todos eram filhos!

O SEMINÁRIO DA ARQUIDIOCESE

Nos anos de 1849-1950, o Oratório ficou sendo o seminário da Arquidiocese e do Piemonte.

Tendo sido fechado o seminário do arcebispado, Dom Bosco recebeu os seminaristas que haviam sido dispensados.

"Alguns, cujas famílias tinham posses, pagavam uma pensão de 30 ou 45 liras mensais, outros uma soma irrisória; os pobres foram aceitos gratuitamente. Moravam e estudavam no Oratório de Valdocco, sentando-se à mesa comum com Dom Bosco que, aliás, não se servia de outra sopa a não ser a dos jovens e de outro prato que não o dos clérigos."

Sopa e outros pratos passavam todos pelas mãos de Mamãe Margarida. Ela, que com tanta dificuldade mantivera o filho no seminário, tem agora o seminário em casa e é ao mesmo tempo cozinheira, roupeira, mãe. Em compensação, vê alargar-se o reino: Dom Bosco se vê obrigado a alugar, do Pinardi, a última sala do rés do chão.

Em 1850, além dos clérigos, os jovens recolhidos eram bem uns quarenta.

Coragem, Mamãe Margarida!

TRÊS SENADORES NA "SALA DO TRONO"

Tratam-se nada menos que do conde Frederico Sclopis, do marquês Ignazio Pallavicini e do conde Luigi di Collegno. Tendo visitado o dormitório no rés-do-chão, "passam...à cozinha, a "sala do trono" de Mamãe Margarida.

Damos a palavra ao biógrafo:

A boa Margarida estava dispondo os pratos e as panelas, naquele justo momento.

— Apresento-lhes minha mãe, disse Dom Bosco; a mãe também de todos os nossos órfãos.

Scl. — Pelo que vejo, a senhora faz as vezes também de cozinheira, não é?

Marg. — Para ganhar o Paraíso, faz-se um pouco de tudo.

Scl. — Quais os pratos que prepara para os meninos?

Marg. — Pão e sopa, sopa e pão.

Scl. — E para o seu Dom Bosco?

Marg. — Faz-se depressa a conta: para ele, um só.

Scl. — É pouco, de fato; mas, ao menos, há de ser muito bom?

Marg. — Ótimo! Imagine que ele come sempre o mesmo prato, de manhã e de tarde, do domingo à quinta-feira.

Sel. — E por que de domingo à quinta-feira e não de domingo a domingo?

Marg. — Porque, para sexta e sábado, dias de vigília, faço um prato magro.

Scl. — Compreendi. Vê-se que a senhora é uma cozinheira econômica. Nos tempos que correm, sua cozinha não teria muita aceitação por este mundo afora.

Pall. — Não tem ninguém para lhe dar uma mãozinha?

Marg. — Nos dias comuns, tenho um bom ajudante; mas, hoje, ele está muito ocupado e me deixou sozinha.

Pall. — Quem é, pois, seu ajudante de cozinha?

Marg. — Ei-lo, disse sorrindo, apontando Dom Bosco.

Scl. — Felicito-o, senhor Dom Bosco. Não duvidava absolutamente de que o senhor fosse um bom educador da
juventude e ainda um hábil escritor; mas ignorava que entendesse de gastronomia.

D.B. — Gostaria que me visse com a mão na massa... sobretudo quando faço polenta.

Puseram-se todos a rir e, tendo cumprimentado a boa... senhora, deixaram a cozinha".

SERÁ O FIM?

Aquele (1850) foi o ano dos assaltos aos conventos e da expulsão dos religiosos. No dia 7 de agosto foram expulsos os jesuítas; no dia 13 foi feita uma investigação na casa dos Oblatos da Consolata de Turim; para o dia 14 estava marcado o fim do Oratório. Um amigo, o senhor Volpotto, correu para avisar Dom Bosco pedindo-lhe que se afastasse.

Dom Bosco chamou sua mãe e disse-lhe para preparar a ceia para aquela noite.

— Que novidade é essa — observou Margarida —,por que me dá essa ordem? Receia que eu não a prepare?

— É porque, aconteça o que acontecer, fique certa de que eu não deixarei Turim.

Esperava-se o ímpeto da multidão para as 16 horas.

Soube-se depois que dois demagogos tinham desviado o desvario dos populares. Quem pagou foram os dominicanos e os barnabitas.

16 DE NOVEMBRO

"Em Edimburgo, na Escócia, o natalício de Santa Margarida, viúva, rainha da Escócia, célebre pela caridade para com os pobres e pela pobreza voluntária. Sua festa é celebrada a 10 de junho."

Lê-se no martiriológio.

16 de novembro, em Valdocco: onomástico de Mamãe Margarida. Viúva, ela também, amadíssima rainha da casa Pinardi e realmente célebre pelas mesmas virtudes da santa rainha da Escócia.

Quem saberia dizer o motivo pelo qual não se festejava Mamãe Margarida a 10 de junho? Talvez porque em junho se festejava Dom Bosco, na festa de São João Batista?

O que é certo é que, na véspera, o próprio Dom Bosco levava os meninos para comprar-lhe um ramalhete de flores. A boa mãe o recebia sorrindo e ouvia tranquilamente, sem fazer comentários, os discursos e as poesias que lhe ofereciam.

Depois disso, ela agradecia com poucas palavras:

— Muito bem! Agradeço-lhes, embora eu não faça nada por vocês. Quem faz tudo é Dom Bosco. Em todo caso, agradeço seus augúrios e cumprimentos e, se Dom Bosco der licença, amanhã vocês terão um prato a mais.

Um clamoroso “Viva Mamãe Margarida!” encerrava a sessão.

SIMPATIA "MARGARIDIANA"

"Muitos senhores e senhoras, até mesmo bispos, quando vinham visitar Dom Bosco, não deixavam de passar pela porta de Margarida, tanto na ida como estando para sair.

Sua virtude transparente, sua simplicidade de maneiras e o seu extraordinário bom senso muito agradavam a todos.

Se por acaso não encontravam Dom Bosco ou este estivesse retido por alguma audiência, iam simplesmente conversar com Mamãe Margarida, enquanto esperavam” .

QUARTO E SALA DE ESPERA

Sim, o pequeno quarto de Mamãe Margarida fazia as vezes de sala de espera junto ao quarto de Dom Bosco. Naquele tempo ainda não se falava de antecâmara propriamente dita. Quem estava esperando, para não ficar exposto ao frio ou ao sol, batia à porta de Margarida:

— Com licença, mãe?

A boa mamãe estava sentada perto de algumas cadeiras sobre as quais se amontoavam as pobres roupas dos meninos, já muito estragadas, que ela estava remendando.

— Entrem por favor, meus senhores, dizia ela alegremente, o Senhor os abençoe.

Ia logo desocupando as cadeiras e convidando-os a sentar-se.

"Eram as pessoas de mais ricas posses, de mais vasta inteligência, de mais profunda ciência e de mais segura fama de toda Turim; mas Margarida não se atrapalhava, nada perdia de sua habitual desenvoltura; ao contrário, dizia às vezes com sua cristalina simplicidade:

— Se me dão licença, vou acabar de rezar três Ave-Marias, que já comecei, e depois estou às suas ordens.

— Esteja à vontade, diziam aqueles senhores, que tinham vindo justamente para gozar do encanto daquela candura.

Tranquilamente, Margarida acabava sua oração.”

EM ALTO NÍVEL

As horas voavam. Aqueles senhores se deleitavam com suas respostas, com seus pensamentos, com os provérbios que chegavam sempre a propósito aos seus lábios.

De vez em quando, pelo prazer de ouvi-la, propunham- lhe questões de moral, de história, de política.

Margarida permanecia jovialmente tranquila e serena.

Jamais a viram confusa, impaciente, encabulada ou atrapalhada.

Suas respostas não eram nem tolas nem presunçosas nem superficiais.

O bom senso e o seu catecismo lhe vinham em auxílio; um gracejo ou um provérbio a propósito da própria ignorância, a narrativa de um fato presenciado ou ouvido contar, eram um jeito de iludir as perguntas que ela não entendia.

Seus nobres visitantes riam com prazer, pois era de propósito que encaminhavam para tais assuntos a conversa, desejosos de admirar a desenvoltura com que saía de embaraço uma camponesa que, pode-se dizer, pela primeira vez transpunha os limites de sua distante aldeia."

HOSPITALEIRA E RECONHECIDA

Oferecer uma xícara de café aos visitantes era coisa de todos os dias. Preparava-o com alegria, embora não dispusesse dos recursos de hoje.

Se um pároco chegava perto do meio-dia, era sequestrado.

— Fique, por favor, dará uma grande alegria a meu filho.

"Se recebia alguma fruta da aldeia, ou se José lhe enviava alguma lebre ou ave rara, ficava toda contente. Já tinha endereço certo: enviava o presente àquela família a que tanto estimava", as famílias dos benfeitores.

NOS PALÁCIOS DA BELA TURIM

Às vezes, para retribuir visita, costumava ir aos palácios dos benfeitores, onde era recebida festivamente.

Entretanto, jamais concordou em trocar suas roupas de camponesa, como não permitiu que para ela usassem fazendas caras ou linho fino.

— Aqueles senhores sabem que sou pobre, exclamava, e hão de perdoar se minha roupa é grosseira.

Andava, porém, tão limpinha, que dava prazer estar com ela.

A LUTA PELA POBREZA

"Aconteceu que, com o passar dos anos, usando sempre o mesmo vestido, este, embora sem nenhuma mancha, estava desbotado e muito remendado. Um dia, Dom Bosco lhe disse:

— Mamãe, por favor, arranje um outro vestido. Já faz tantos anos que usa sempre o mesmo!

— Mas, sim senhor! Então você não acha que ele está ainda muito bom?

— Bom? Francamente, parece-me que não está mais decente. Costumam vir aqui o conde Giriodi e a marquesa

Fassati e não está bem que a senhora os receba com esse vestido. Nenhum varre dor de rua se veste pior do que a senhora.

— Mas como é que você quer que eu compre um vestido novo se não temos nada?

— É verdade que não temos nada. Mas, antes que continuar a vê-la assim, deixaremos de comprar o vinho, a carne, e a senhora dê um jeito, sim?

— Bem, se é assim, vamos fazer essa despesa.

— Quanto custará um vestido?

— Vinte liras!

— Ei-las.

... Passa uma semana, passam duas; passa um mês, passam dois meses:

— Mamãe, e o vestido?

— Você tem toda razão, mas compreenda: comprei sapatos para um menino, calças para outro.

Voltava-se sempre para a estaca zero.”

A MANTILHA DE SEDA

Uma benfeitora ofereceu-lhe uma mantilha muito bonita, larga, de seda. Margarida examina-a atentamente e diz:

— Para que toda esta riqueza? Eu, uma pobre camponesa usando seda? Não quero mesmo ser ridícula!

Pegou a tesoura, descosturou toda a mantilha, fez com ela uns casaquinhos para os meninos internos.

SUAS REFEIÇÕES

Já moravam no Oratório os clérigos e os padres. Em atenção a eles, Dom Bosco tinha acrescentado um prato no almoço. Margarida poderia participar da refeição dos superiores, dava também para ela.

Mas não. Comia polenta fria, um pepino, uma cebola, alguns rabanetes cozidos em água e sal.

E o vinho? “Até 1858, a adega do Oratório era abastecida pela prefeitura; recebia todas as semanas algumas amostras e o que ficava no fundo dos barris no mercado de vinho”... E pensar que Margarida bebia bom vinho em casa!

Mas vivia muito feliz.

— Os pobres — costumava dizer — muitas vezes não têm a comida que a mim nunca falta; posso até considerar-me uma dama.

HONESTÍSSIMA NAS MÍNIMAS COISAS

Foi um dia, com a irmã de Giacomelli — que passara a morar no Oratório com o irmão — fazer uma provisão de linha, agulhas, botões, numa loja que ficava em frente do *Corpus Domini*. Feitas as contas, realizado o paga-

mento, voltava para casa com as compras. Durante o caminho, porém, refazendo mentalmente o cálculo, verificou que havia uma diferença de três ou quatro liras a favor do negociante.

Não teve mais sossego. Chegando em casa, disse à Giacomelli:

— Volte depressa à loja. Tenha cuidado para falar com o empregado que nos serviu, sem que o patrão perceba.

O empregado não sabia como agradecer a Margarida.

Talvez tivesse sido despedido, se a moça tivesse falado diretamente ao patrão.

— Agradeça àquela boa senhora e diga-lhe que estou sempre à sua disposição!

NO SEU LUGAR

"Margarida regozijava vendo crescer ao redor de Dom Bosco as vocações eclesiásticas; mas conservava-se discretamente à distância. Dotada de grande perspicácia, sabia descobrir muito bem o que lhe convinha ou não fazer."

Qual o seu lugar à mesa?

Enquanto Dom Bosco não teve alunos internos, tomava com ele as refeições. Quando, porém, Dom Bosco fez sentarem-se à sua mesa sacerdotes e clérigos, ela não foi mais vista a seu lado.

"Dom Bosco teria desejado que ela participasse de suas refeições ao menos algumas vezes, mas ela sabia muito bem arranjar desculpas".

Dom Bosco então inventou um pretexto: às vezes convidava à sua mesa os meninos mais distintos; seria bom que Mamãe Margarida ficasse no meio deles para impedir que cometessem alguma falta, sobretudo quando havia convidados.

— Não é o meu lugar — disse ao filho —, a presença de uma mulher destoaria ali.

ESTOU QUASE, QUASE VOLTANDO!

1851. Já são passados cinco longos anos desde que Margarida deixou o sossego de sua colina, trocando-o pela barulheira de Valdocco. Não há dúvida de que ela sofria muito, muito mesmo, com aquela agitação constante.

"Uma mulher que preza a ordem e a economia doméstica não pode ficar indiferente, vendo desperdiçar aquilo que lhe custou dinheiro e fadiga.

Mas como impedir que, não certamente por maldade, mas por irreflexão, jovens vivos e irrequietos causassem prejuízos e, por conseguinte, aborrecessem a boa mãe?"

"Um belo dia, Margarida entrou no quarto do filho e foi dizendo:

— Escute, João. Você bem está vendo que é impossível governar esta casa como se deve. Todos os dias seus jovens fazem alguma das suas.

Ora me jogam ao chão a roupa lavada que pus ao sol para secar; outras vezes pisam nos meus canteiros de verdura; estragam tudo. Não têm nenhum cuidado com a roupa, que rasgam de tal maneira que não dá mais jeito de consertar.

Um dia perdem o lenço, as gravatas, as meias; outras vezes escondem as camisas, as cuecas e não se consegue mais achá-las; chegam ao ponto de carregar os utensílios de cozinha para suas brincadeiras e eu perco depois metade do dia para procurá-los.

Enfim, perco a cabeça no meio de tanta confusão.

Estava bem mais tranquila na minha choupana, fiando minha lã, sem tantos abalos e ansiedades.

Escute! Estou quase voltando para nossa casinha dos Becchi, para acabar em paz os dias de vida que ainda me restam!

Dom Bosco olhou comovido para a mãe e, sem dizer nenhuma palavra, apontou para o crucifixo que pendia da parede.

Margarida olhou-o e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Tem razão! Tem razão!

E voltou às suas ocupações.”

Como o fazia antes, como o fará sempre.

UMA PRECIOSA AQUISIÇÃO

O jovem Cagliero entrou para o Oratório. Veio a pé, com o santo, que fora pregar no dia de Todos os Santos em Castelnuovo. Damos a palavra a Cagliero:

“Lembro sempre com satisfação minha entrada no Oratório, na noite do dia 2 de novembro.

Dom Bosco apresentou-me à boa Mamãe Margarida, dizendo:

— Olhe, mamãe, aqui está um menino de Castelnuovo.

Ele está decidido a ser correto e a estudar.

— Ótimo — respondeu a mamãe —, você não faz outra coisa a não ser ir à procura de meninos, embora saiba muito bem que não temos mais lugar.

— Oh, um cantinho sempre a senhora há de achar — acrescentou sorrindo Dom Bosco.

— Ponha-o no seu quarto! — respondeu a mãe.

— Oh, não é necessário. Como vê, este menino não é grande. Vamos pô-lo no cesto das torradas; com uma corda vamos suspendê-lo numa trave, à moda das gaiolas dos canarinhos.

A mãe riu e foi arranjar-me um lugar. Por aquela noite eu precisei dormir nos pés da cama de um companheiro” .

O PÃO TAMBÉM

Em 1852 já não se davam mais os 25 centavos para o pão, cada manhã.
É que alguns, mais gulosos, gastavam o dinheiro em gulodices e passavam fome durante o dia.

A despensa da casa é que passou a fornecer o pão: novo trabalho para Margarida. Não foi só isto: começou-se a distribuir aos jovens, cada dia, além da sopa à vontade, um outro prato ou fruta, ao meio-dia.

Mais trabalho na cozinha!

E não bastou: na hora da merenda, um pãozinho. Nova distribuição, trabalho renovado! Nos dias de festa, alguma coisa a mais à hora do café, um aperitivo antes do almoço, um gole de vinho.

As coisas se iam sistematizando e Margarida ficava contente porque seus filhos estavam sendo mais bem alimentados.

SÓ FALTAVA ISTO: O PIANO!

Imaginem se podem: horas e horas alguém martelando os ouvidos, sentado ao piano! Era Cagliero que já se preparava para seus futuros triunfos musicais.

Para Margarida era um tormento. Uma vez, por brincadeira, ameaçou tocar com a vassoura uma música diferente nas costas do jovem artista, um dos mais expansivos dos seus filhos, aquele a quem mais queria bem. Mas a vassoura não chegou a servir de... batuta.

Cagliero continuou, com ótimos resultados.

A LONGA ESPERA

“Durante o inverno acontecia frequentemente que alguns dos meninos, empregados no centro, fossem obrigados pelos patrões a trabalhar até tarde da noite.

Não vendo-os chegar com os outros e informada do que acontecia,

Margarida exclamava:

— Pobres dos meus filhos! É preciso guardar uma sopa bem quentinha!

Não tinha coragem de ir deitar-se e ficava esperando até 11 horas, às vezes até meia-noite, tremendo de frio.
Quando chegavam, ainda os alegrava com alguma sobra de comida, que tinha tido o cuidado de guardar.”

NÃO DIGA A NINGUÉM

"Nas noites de domingo, depois das funções religiosas, alguns dos pequenos ia à cozinha.

— Que é que você está querendo, seu fedelho?

— Mamãe, me dá um pedaço de pão...

— Mas você já não comeu o seu?

— Comi, mas estou com tanta fome!

— Pobrezinho, toma, mas não diga nada a ninguém, está ouvindo? Senão chegam também seus companheiros pedindo, para depois deixarem os pedaços de pão pelo pátio.

— Pode ficar sossegada, mamãe, que eu não digo nada a ninguém” .

PODE, SE PREGAR MENTIRA?

Naturalmente, com seu pedaço de pão na mão, o pequeno corria para o pátio.

Os companheiros rodeavam-no.

— Quem foi que lhe deu esse pão?

— Mamãe Margarida — respondia o outro com a boca cheia.

Lá iam todos correndo atrás de Mamãe Margarida, que não sabia dizer não.

No domingo seguinte, o mesmo menino vinha de novo pedir pão.

— Foi você mesmo — ralhava Margarida — que na semana passada foi contar aos outros que eu lhe tinha dado pão e me fez passar apuros. Por isso, hoje não lhe dou mais.

— Mas então eu tinha de pregar mentira? Eles perguntaram e eu tive de dizer a verdade.

— Tem razão, mentira não se diz nunca.

E lá vinha o pedaço de pão.

PÃO SECO?

Quando se teve no Oratório a secção dos estudantes, ao voltarem estes da escola, recebia cada um seu pão para a merenda. Acontecia porém que algum ia logo procura-la e pedia:

— Só isto?

— E não chega?

— Mamãe, veja, não posso mesmo engolir...

— E por que, se faz favor?

— Porque está seco! Se tivesse uma fatia de queijo, ou de salame, ficava mais gostoso!

— Vejam só esse guloso! Agradeça à Providência por lhe dar pão branco.

— Ah, mamãe! — gemia o espertalhão, pondo nela olhos de misericórdia — Ah, mamãe!

Margarida capitulava.

ENFERMEIRA

Uma dor de cabeça, uma dor de dentes que seus filhos sofressem repercutiam nela, causando-lhe grande pena.

Assim que sentiam algum mal-estar, os meninos corriam para ela, sempre pronta a socorrê-los, fosse de dia ou à noite.

Se ouvia um gemido, se via algum chorar, não ficava tranquila enquanto não soubesse a causa.

Se a doença prendia algum na cama, ela o rodeava de solicitude: preparava o remédio, ia sentar-se perto dele, com seu trabalho na mão; ficava velando, quando os outros se iam deitar.

Deu-se um fato significativo: um jovem adoeceu e o mal foi declarado infeccioso, tendo o médico ordenado que o separassem dos outros. Margarida não o deixou: permaneceu a seu lado como carinhosa enfermeira.

Quando, depois, ficou determinado seu internamento no hospital e vieram buscá-lo, a boa mãe acompanhou-o, descendo junto as escadas, até o limiar da porta. Quando os enfermeiros levantaram a maca e o levaram, ela rompeu em pranto copioso!

UM TERREMOTO INFERNAL

26 de abril de 1852.

É quase meio-dia.

Um terrificante estrondo dilacera os ouvidos e o coração dos turinenses.

A fábrica de pólvora voou pelos ares. Vidros quebrados, portas arrancadas, casas danificadas, pânico geral.

Não distava a fábrica mais de 500 metros do Oratório. Ainda por cima, Dom Bosco não está presente e Margarida vê-se sozinha no meio dos meninos apavorados.

Por felicidade, a casa não veio abaixo, embora sofrendo algumas rachaduras. Uma trave em chamas caiu a poucos passos do edifício. Media 7 metros.

Margarida e os meninos puseram-se a salvo, espalhando-se pelos prados da vizinhança.

Chega Dom Bosco, informa-se do ocorrido, indaga dos seus e encontra-se com a mãe que procura conservá-lo a seu lado. Ele, porém, corre para o local do desastre.

Poderá dar ainda algumas absolvições e seu chapéu vai servir para transportar água com que apagar o fogo que se ateara nos cobertores.

Apesar de tudo, vendo salva a mãe e salvos os meninos, Dom Bosco atribuiu a graça à proteção de Nossa Senhora.

A PRIMEIRA IGREJA CONSTRUÍDA POR DOM BOSCO

Era o dia 20 de junho de 1852. A primeira igreja construída por Dom Bosco — a igreja de S. Francisco de Sales — estava sendo abençoada e inaugurada.

Não se tratava de uma capela mais ou menos espaçosa, mais ou menos bonita. Era uma verdadeira igreja, dele inteiramente, a primeira igreja salesiana.

A construção durara mais de dez anos. Os passarinhos de Dom Bosco tinham agora, juntamente com a árvore, o seu ninho.

Um ninho de devoção, de piedade, de oração, de êxtase (não tardará muito, Domingos Sávio entrará em êxtase, horas seguidas, naquela igreja).

Margarida está toda feliz. Chora de alegria vendo que se concretiza, lenta mas seguramente, as previsões de seu filho.

Agora, num lugar mais digno, a piedosa anciã poderá dar largas à sua oração, poderá ter mais sossego para meditar.

O RETRATO DE MAMÃE MARGARIDA

Foi um presente de Bartolomeu Bellisio, que frequentava a escola de Belas Artes. Ofereceu-o a Dom Bosco, no dia do seu onomástico.

"Se ele não o tivesse feito, afirma o biógrafo de Mamãe Margarida, ter-se-ia perdido a lembrança daquela fisionomia tão simpática."

O retrato nos mostra fielmente o que ela era: uma velhinha toda simplicidade e simpatia. Para retratar uma mulher da têmpera de Margarida era preciso talento, afeto, sensibilidade para captar o espiritual. Tudo isto Bartolomeu possuía.

Obrigado, querido modesto artista! Deixou-nos a doce imagem daquela que, ainda hoje, vai espalhando o bem.

JOSÉ, O FILHO MAIS VELHO

Outro filho do qual Margarida podia se orgulhar.

"Cristão fervoroso, pai de família trabalhador e afetuoso, possuía um coração generoso, aberto às necessidades do próximo: embora tivesse muitos filhos, considerou sempre como seus os meninos do Oratório."

A isso nos referimos agora porque, justamente em outubro de 1852, Dom Bosco, Mamãe Margarida e vinte e seis meninos foram aos Becchi, para as costumeiras festas do Rosário.

Desta vez um jovem excepcional veio fazer parte da comitiva, a conselho do padre Cafasso: trata-se de Miguel Rua. Tinha entrado como aluno interno do Oratório, justamente no dia 22 de setembro daquele ano.

Voltemos a José.

"Embora as obrigações do seu estado o obrigassem a viver longe da mãe, não deixava de vir várias vezes a Turim e de demorar no Oratório um tempo mais ou menos longo, conforme o permitiam suas obrigações".

O que desejava era gozar por algumas horas da companhia de João e de Margarida, cuja alegria era muita naturalmente.

Como era grande sua satisfação ao ouvir José, sim, José dar a boa noite aos meninos do Oratório! Dom Bosco convidava-o e ele subia os degraus da cátedra do irmão sacerdote!

Formavam os três uma só coisa, serviam o mesmo ideal. Aquele ideal que João entrevira em sonhos, entre as paredes da pobre casa dos Becchi.

José não se contentava em mandar do que era seu, todos os anos, uma boa provisão de comestíveis, no tempo da colheita. Fazia mais: ia angariar recursos entre os amigos e conhecidos; tão bem sabia despertar-lhes a simpatia pelos filhos de Dom Bosco, que conseguia encher várias carroças com nozes, trigo, batata, uva, encaminhando tudo ao Oratório".

Margarida soubera lançar boa semente no coração dos filhos!

UM CAPITÃO NO CASTELO

Prova de energia e coragem devia dá-la Margarida na noite de 1º de dezembro de 1852.

Dom Bosco estava empreendendo importantes trabalhos no sentido de ampliar o edifício existente. Uma ala completamente nova. São onze horas da noite. Dom Bosco dorme com os "filhos da casa", como ele chama os meninos internos. Somente Margarida ainda está de pé, preparando-se para deitar-se.

De repente, ouve-se um estrondo como no dia da explosão da fábrica de pólvora. A nova construção desaba, fazendo tremer a velha casa contígua.

Margarida sai apressada do quarto. Teme, e não sem razão, que o filho tenha ficado sepultado entre os escombros. Grita com todas as forças dos pulmões:

— Dom Bosco! Dom Bosco! Levante-se, venha para fora, salve-se! Corre corajosamente para a porta do quarto, chama.

Nenhuma resposta. Empurra a porta, mas ela não se abre. Corre à cozinha, buscar outra chave.

E os meninos? Pulam da cama, enrolam-se nas cobertas e, no escuro, saltando, empurrando-se, caindo e levantando-se, conseguem alguns chegar à igreja; outros se reúnem no meio do pátio. Todos salvos.

Dom Bosco, que a princípio julgou tratar-se de um temporal com trovões fragorosos, custou a intuir o perigo. Quando saltou da cama, não conseguia orientar-se, não encontrava a porta nem os fósforos para acender a vela.

Quando, finalmente, apareceu, os jovens gritaram:

"Dom Bosco está salvo! Está salvo!" e, sem reparar nos escombros, correm-lhe ao encontro.

Depois, todos se reúnem na igreja para agradecer a Nossa Senhora, com a recitação das ladainhas.

Como o dormitório apresentasse perigo, vão, a seguir, cautelosamente buscar os colchões e se alojam na sacristia e no refeitório.

"Mamãe Margarida dava provas de coragem viril. Vigiava para que ninguém se aproximasse dos lugares que

ofereciam perigo, ia distribuindo os meninos aqui e ali, ficando de pé até de madrugada, andando de um lado para outro, como um general no campo de batalha.”

Dom Bosco mostrou-se digno de tal mãe. Expôs a própria vida para garantir a dos seus. Várias vezes, com grave risco, inspecionou o local, a fim de certificar-se de que não havia ameaça de novos desabamentos.

“Foi preciso que a terna e não menos corajosa Margarida dali o afastasse, quase à força, e o obrigasse a entrar em casa.”

A JARDINEIRA

Pouco além do muro do Oratório havia uma taberna que funcionava na casa Bellezza. E que beleza de palavras se ouviam daquela gente embriagada, é fácil de adivinhar!

Delicada como era Margarida muitas vezes se via obrigada a tapar os ouvidos. Um dia, porém, exclamou:

— Que é que eu vou fazer com tantas rolhas, mesinhas de confeitaria, cafeteiras, copos?

É que despejavam perto de casa centenas de garrafas, litros, meios litros.

— Deixe estar, mamãe, há de chegar a hora de tudo isso ter utilidade.

Dom Bosco comprou todo o material, contanto que se visse livre daquele inconveniente. Teve de pagar também três meses de aluguel à hoteleira, que foi morar noutra parte.

Com a escritura do dia 10 de outubro, de 1853, Dom Bosco alugava toda a casa Bellezza. Margarida e os meninos respiraram. Acabaram-se as brigas, as discussões, os palavrões.

CRÍTICA LITERÁRIA

Dom Bosco tinha começando as "Leituras Católicas" que tanto bem haviam de fazer no meio do povo.

Queria dirigir-se ao povo, ser entendido pelo povo. Sua mãe era uma expressão genuína da gente simples do Piemonte, uma representante autêntica. Era a ela, aos operários, que Dom Bosco fazia ver seus escritos, para ter a certeza de ser entendido.

Leu um dia para sua mãe um panegírico sobre S. Pedro.

Em determinado momento o santo era designado como “clavígero”.

— Clavígero? Onde fica essa cidade? — interrompera Margarida.

A palavra desapareceu do manuscrito de Dom Bosco.

UMA BELA TRADIÇÃO

Era uma bela tradição a festa do Rosário nos Becchi, uma tradição que enchia de gozo o coração de Margarida.

Sua casa tornara-se um seminário. Lá, sobre aquela colina, custara-lhe tanto secundar a vocação sacerdotal do filho! Ainda ressoavam ali as ameaças de Antônio contra a vocação para o estudo... e, portanto, para o sacerdócio, do seu Joãozinho.

Pois bem, desde 1852, um dos números da festa era a vestidura de algum clérigo.

A dos clérigos Rua e Rocchiette fora em 1852; agora, em 1853, era a vez de Francesia.

Deus permitiu que Margarida sofresse muito nesta terra, mas também proporcionou-lhe muitas consolações. Em 1853 teve ainda a alegria de ver abrirem-se no Oratório as primeiras oficinas: de alfaiate e de sapateiro.

Seu filho está sempre voltado para o povo, para os pobres. Margarida exulta.

UM VALIOSO TESTEMUNHO

É fornecido por Giambattista Anfossi, que entrou como interno no Oratório, em 1853.

O ambiente estava todo impregnado de devoção a Dom Bosco taumaturgo: "o morto ressuscitado, as castanhas e as hóstias multiplicadas". Ao mesmo tempo, porém, era enorme a veneração de que se cercava Mamãe Margarida. São palavras de Anfossi:

"Conheci também Mamãe Margarida; admiro sua vida de sacrifício, inteiramente ocupada em promover o bem dos meninos. Quando precisávamos de alguma coisa, costumávamos ir ter com ela; podendo, ajudava-nos logo, dava-nos o que era preciso, exortando-nos ao mesmo tempo à oração e à virtude. Todos que vinham ao Oratório a veneravam, inclusive as pessoas de alto nível social".

Neste retrato está Margarida inteira: amor a serviço; dignidade simples e ingênua que provoca simpatia e respeito.

CALV ÁRIO DO FILHO E DA MÃE

O ano de 1852 e os que lhe seguiram foram trágicos.

Os inimigos de Dom Bosco encarniçaram-se contra ele, decididos a matá-lo.

Imaginem que um dia, um infeliz, chamado Andreis, entrou em mangas de camisa no Oratório, com uma faca de açougueiro na mão.

Urrava: "Quero Dom Bosco!".

Seguiu-se um desabalado corre-corre. Entre outros, fugiu o clérigo Reviglio, perseguido pelo bandido. Dom Bosco teve tempo para fechar-se no seu quarto.

O facínora ficou no pátio mais de três horas. "Com aquela faca dentro de casa, ninguém podia estar tranquilo. Quem estava mais aflita era Mamãe Margarida que temia, tanto pelo filho, quanto pelos meninos."

Ainda mais que estes, reavendo-se, armaram-se e queriam investir contra o infeliz; tê-lo-iam liquidado, com

grande perigo de vida, se não fosse a ordem em contrário de Dom Bosco.

A polícia só apareceu depois de seis horas.

E o Andreis tornou a voltar!

Outra vez, tentaram envenenar Dom Bosco, atraindo-o para fora do Oratório, sob pretexto de exercer seu ministério sacerdotal.

Em outra ocasião, foram dois senhores, de aparência distinta, que entraram no quarto de Dom Bosco, apontando-lhe a arma contra o peito. Salvou-o a oportuna intervenção de Cagliero.

“Não são para esquecer as contínuas ansiedades que acompanhavam Margarida (não terão elas concorrido para abreviar-lhe a vida?).

Quantas vezes não agradeceu ao Senhor terem falhado os atentados contra a vida do filho! Como o Oratório ficava isolado, entre hortas e prados, desprovido de um muro que o circundasse inteiramente, estava muito exposto. Ela mandou então colocar uma pequena grade de ferro junto da escada, para fechar a passagem que, da varanda, levava ao quarto de Dom Bosco.

Ali punha de prontidão algum jovem robusto, especialmente à noite.

Ainda mais (de que não é capaz um coração materno!), mandou vir de Castelnuovo o outro filho, José, a fim de defender Dom Bosco dos seus encarniçados inimigos.

Quando, ao anoitecer, ele demorava a chegar, retido em casa de algum doente ou em razão de alguma outra obra de caridade, Margarida mandava-lhe ao encontro alguns dos jovens mais robustos e destemidos, a fim de acompanhá-lo de volta.

Dir-se-ia que ela tinha o dom de adivinhar os perigos que de vez em quando ameaçavam seu querido filho”.

“Os atentados contra Dom Bosco se prolongaram pelo espaço de bem quatro anos, tendo começado em 1852."

Justamente os últimos anos de vida da boa mãe. Creio que podemos afirmar que essas angústias a levaram ao túmulo.

MARGARIDA E O "GRIGIO"

O *Grigio?* Um cão que tem hoje fama internacional.

Um misterioso cão que podia ficar sem comer, que recebia pedradas sem um latido sequer, que aparecia de repente, como de repente desaparecia.

Seria um animal enfeitiçado? Era um instrumento do qual Deus se servia para defender o filho de Margarida. Afirma Tomatis: "Era um cão de aspecto impressionante. Muitas vezes, ao vê-lo, Mamãe Margarida exclamava:

'Que animal horrível!’.

Mais parecia um lobo: focinho alongado, orelhas de pé, pelo cinzento, um metro de altura”.

Retrato muito fiel.

Uma vez, Margarida o viu tomar o seu partido. Ela não queria que o filho saísse; este insistia. O *Grigio* alongou-se então na frente do portão e, com latidos de arrepiar, parecia querer impedir que Dom Bosco realizasse seu intento. Margarida exclamou:

— Se você não quer me escutar, escute ao menos o cão, e não vá!

Dom Bosco não saiu. Pouco depois vieram avisá-lo de que três ou quatro indivíduos mal intencionados o estavam esperando ali por perto.

Em outra ocasião, junto à porta da cozinha, Margarida pagou o *Grigio* com carícias, cautelosas embora. É que ele tinha livrado Dom Bosco de um grupo de vagabundos, no momento em que o circundavam, armados de cacetes.

Outras vezes o cão bateu-se valentemente para defender Dom Bosco. Podemos imaginar que Margarida deveria olhá-lo com gratidão e admiração, ou mesmo com veneração.

MAMÃE MARGARIDA NA OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Coisa do estilo de Dom Bosco!

Chama um dia um rapaz é lhe diz:

— Você vai ser encadernador! Abrimos hoje a oficina de encadernação.

— Como é que a gente faz?

— Dobram-se as folhas!

Logo as folhas foram dobradas por Dom Bosco e pelo menino.

— E agora?

É preciso costurar. Chama-se então Mamãe Margarida e, entre os três, ficam costuradas as páginas do primeiro volume. Agora, aparar!

— Com a faca? Com a tesoura?

Margarida arregala os olhos: o filho vai buscar na cozinha o seu facão, aquele mesmo com que ela corta cebolas, alhos, verdura; com ele... são as folhas aparadas. Pronto!

O rapaz ria, Margarida ria, Dom Boscoria! Foi justamente aquela a primeira secção de encadernação, a mãe de cem, de mil, que hoje funcionam nas casas salesianas, espalhadas pelo mundo.

O CÓLERA TAMBÉM

Ela experimentou tudo, o cólera-morbo também.

Não hesitou nem contemporizou. O filho prometera a todos que ficariam imunizados, mediante certas condições. Os jovens aceitaram-nas com entusiasmo e escrupulosamente as puseram em prática.

Graça de Deus no coração, medalha de Nossa Senhora ao pescoço, uma oração a São Luiz.

Os jovens atiraram-se à assistência dos que eram atingidos pelo mal. "Mamãe Margarida, que em tantas circunstâncias se mostrara temerosa pela vida do filho, declarou então ser para ele um dever afrontar o contágio.”

Ela prepara a comida para os jovens que praticam verdadeiros atos de heroísmo e também é responsável “pelos armazéns”; o pobre guarda-roupa do Oratório, por ela tão cuidadosamente provido, esvazia-se num instante, irremediavelmente.

“A um dava um cobertor, a outro uma camisa, a este um lençol, àquele uma toalha de mão, e assim por diante. No fim de poucos dias não restava mais nada a não ser a roupa do corpo e a que forrava as camas.

Um jovem enfermeiro veio um dia contar que seu doente, atacado há pouco pelo mal, jazia sobre um colchão, sem nenhuma coberta; pedia alguma coisa com que cobri-lo.

A caridosa mulher foi à procura de alguma peça de roupa; não encontrou senão uma toalha de mesa.

— Tome — disse compassiva —, é a única peça de roupa que encontrei; vá e faça como puder com o seu doente.

O jovem saiu contente de poder cobrir o seu protegido com alguma coisa cheirando a limpo.”

Margarida deu suas toucas, seu xale, seus vestidos; nada mais tinha do que a roupa do corpo.

Apareceu um dia alguém pedindo algo com que pudesse cobrir os membros enfermos de alguns infelizes.

Margarida procurou, tornou a procurar e nada mais encontrou. Depois, guiada pela intuição e liberalidade própria dos sequazes de Cristo, foi buscar uma toalha de altar, um amicto e uma alva, pediu o parecer de Dom Bosco, e deu tudo para vestir os nus.

Os linhos do altar foram vestir os membros sofredores de Cristo, que tremiam de frio e de febre.

MAMÃE TERESA E MAMÃE MARGARIDA

Encontraram-se as duas conterrâneas à cabeceira de João Cagliero moribundo. Uma era a mãe verdadeira do menino; a outra era, por assim dizer, sua mãe adotiva.

— Não há mais remédio para o meu João! Pelo que vejo, acabou-se - exclamou a boa Teresa Cagliero.

— Mamãe! — disse João, o predestinado, o futuro bispo — Prepare minha batina de clérigo. Dom Bosco vai fazer minha vestidura!

— Vão vestir em você uma roupa qualquer (murmurou baixinho a mulher) quando puserem você no caixão.

Margarida procurava consolá-la. Como de costume, ela tinha procurado ler na fisionomia do filho, o seu vidente. Notou que ele estava calmo, sorridente (Deus o iluminara, ao entrar no quarto do jovem: sobre o leito do enfermo adejara uma pomba com um ramo de oliveira no bico). Margarida ficou confiante à espera. Teresa não conhecia bem Dom Bosco, mas ela...

No dia 22 de novembro, festa de Santa Cecília, protetora dos músicos, o jovem — que tanta paixão revelava pela música — recebia a veste clerical. Duas mães choravam, desta vez, de alegria: Teresa e Margarida.

MÃE DE BISPOS

Imaginemos a imensa alegria de Margarida, ouvindo o filho dizer com toda segurança e serenidade:

— Um de vocês — falava no refeitório, a clérigos e meninos — ainda será bispo.

... Entretanto, Dom Bosco será sempre Dom Bosco apenas. Se considerarmos que, naquela época, nem por sombra se pensava em missões! Naturalmente, todo mundo pensou que se tratasse de um bispo na Itália mesmo.

Dom Bosco continuava a repetir com certa frequência:

— Oh! Vejamos se Dom Bosco se engana. Estou vendo no meio de vocês uma mitra, e não será apenas uma.

Mas aqui, uma já temos.

Podemos imaginar o olhar de deferente afeto com que Margarida contemplava os rostos daqueles jovens — que eram como seus filhos — para descobrir em algum o resplendor da dignidade episcopal.

O PRESENTE MAIOR E ÚLTIMO

Em outubro de 1854, Domingos Sávio veio morar no Oratório, perto de Mamãe Margarida.

"De compleição delicada, aparência franzina, misto de afabilidade e gravidade, um quê de sério e ao mesmo tempo agradável, índole mansa, constância no humor: aquele rapazinho tinha uma aparência realmente angélica.”

— Você tem aqui muitos meninos bons, mas nenhum supera a beleza de coração e de alma de Domingos Sávio.

— Em que se baseia para dizer-me isso?

— Reparo sempre quando vai rezar e fica na igreja depois dos outros, acabadas as funções (sinal de que também ela se demorava na igreja); muitas vezes, com um grupo de companheiros, rodeiam o altar de Nossa Senhora, para rezar o terço (uma prova das frequentes visitas de Margarida à igreja). Não passa dia sem que ele saia do recreio para ir visitar o SS. Sacramento; várias vezes tem esquecido de ir buscar a comida com os outros e fica em oração, como que fora de si. Na igreja, ele parece um anjo do céu.

OS BAIXINHOS

Terminada a epidemia do cólera-morfo — aquele cólera que tanta fadiga impusera à boa Margarida, a dispenseira da Cruz Vermelha do Oratório — uma sobrecarga de preocupações e trabalhos abateu-se sobre ela.

O Oratório de Dom Bosco acolheu uns cinquenta meninos, ainda muito pequeninos. Por causa da sua estatura, todos passaram a chamá-los de divisão dos “Baixinhos”.

Quanto mais pequenos, mais trabalho davam e mais preocupações inspiravam. Entre outras coisas, foi preciso providenciar uma nova sala de aula e um novo dormitório.

Alguns anos depois um deles declarava: "Eu fiquei sempre no Oratório onde Dom Bosco e sua mãe me acolheram com tanto amor. Considerávamos a mãe de Dom Bosco como se fosse nossa própria mãe; vivíamos felizes e contentes".

DOCES RECORDAÇÕES

"— Lembra-se, Dom Bosco — é o padre Enria que fala com Dom Bosco, doente em Varazze, em 1871 —, lembra-se de quando sua mãe o repreendia, por estar sempre recebendo novos meninos?

— Ela dizia-lhe: 'Você está continuamente recebendo novos meninos; como é que vai fazer para alimentá-los e vesti-los? Já não temos mais nada em casa e o frio está chegando'.

Foi o que aconteceu comigo: quando entrei no Oratório, tive de dormir várias noites sobre um monte de folhas e, para cobrir-me, tinha só um pequeno cobertor.

De noite, quando já estávamos na cama, o senhor, Dom Bosco, e sua mãe, ficavam consertando nossas calças e nossos paletós rasgados, porque só tínhamos o que levávamos no corpo.

Dom Bosco sorria ao ouvir minhas palavras e dizia: 'Quantas fadigas suportou minha boa mãe! ... Santa mulher! ... Mas a Providência nunca nos faltou'."

MARGARIDA NO DIZER DE PONDERANO

Trata-se de um oratoriano de 1855. É o testemunho de um externo. Os contatos com Margarida eram mais raros, limitando-se aos dias festivos. Mas suas impressões são as mesmas que nos deixaram os "filhos da casa". Ouçamo-lo: "Evocando minhas primeiras impressões, vejo a senhora Margarida como o tipo da perfeita dona de casa, espírito verdadeiramente cristão.

Para os jovens do Oratório era de fato uma mamãe boa e piedosa; os meninos depositavam nela inteira confiança, confiança de filhos; a todos edificavam suas virtudes, sua conduta exemplar".

UMA DAS ÚLTIMAS DORES

No verão de 1855 um bando de devassos, a "Coca de Valdocco", instigados por algum sectário, passou a insultar Dom Bosco; puseram-lhe um apelido injurioso, que repetiam em coro, quando ele passava.

Margarida sente a injúria e sofre com o filho. Este tudo suporta em silêncio, até que, numa tarde festiva, uma saraivada de pedras é lançada contra os meninos que voltavam

para suas casas. Dom Bosco vai então para a rua e desafia aqueles infelizes, obrigando-os a parar com sua fúria.

Poucos dias depois, chegou a hora da “vingança” de Dom Bosco, à qual ele quis associar sua mãe: uns doze daqueles malandros, enfeitiçados pelas palavras doces e mágicas de Dom Bosco, entraram para o Oratório. De inimigos escarninhos, tornaram-se filhos afetuosos.

O grupo se desfez.

O PRIMEIRO MORTO

Tratava-se do jovem pianista Gurgo Secondo. Dom Bosco havia predito sua morte com a antecedência de vinte luas. As luas tinham-se sucedido implacavelmente. A última caía em dezembro de 1855. Gurgo, que desde a metade de dezembro estava sendo assistido por Cagliero, foi assaltado por cólicas muito fortes. Mas, como que contradizendo a predição de Dom Bosco, melhorou e ficou fora de perigo. O pai veio buscá-lo para convalescer em casa.

Na véspera da partida Gurgo sente-se extremamente fraco. Não poderia comer um pedaço de carne (alimento proibido pelo médico)?

O pai cede, o filho morre.

Passou a vigésima lua; uma vida ainda jovem se apaga sob os olhos de Margarida. A morte entrou em casa para roubar-lhe um filho.

Quatro dias depois foi a vez de um santinho, amigo íntimo de Domingos Sávio, Camilo Gavio: "apenas dois meses passara no Oratório, edificando todos os companheiros, pela sua piedade insigne”.

Sávio tinha se despedido pela última vez do amigo, com estas palavras: “Adeus, Gavio, estou intimamente convencido de que você voou para o céu; prepara, então, um lugar para mim também”.

Mais quatro órfãos morreram em 1856, nos vários hospitais; tinham vindo para o Oratório já minados pela doença.

Margarida, que vê, que ouve, que compõe no caixão aquelas flores colhidas tão cedo, pensa certamente no seu próprio fim: não é ela que deveria morrer? A mãe não deve morrer antes dos filhos?

O pensamento da morte lhe é familiar. Era mãe de um filho que todos os meses preparava os meninos para a morte; de um filho que conhecia os passos da morte e muitas vezes os prenunciava; de um filho que parecia ter às vezes a morte sob suas ordens. Foi justamente nesse ano (1856) que Dom Bosco pregou a missão em Viarigi, durante a qual se deu — como ele havia anunciado — a morte de um dos opositores da missão e que, durante o sermão, tinha organizado um baile.

Dentro de alguns meses, veremos Margarida no seu leito de morte. Esta não há de encontrá-la desprevenida, não lhe causará medo algum.

VOLVE OS OLHOS PARA O MUNDO

Antes de cerrarem para a luz, os olhos de Margarida tiveram uma visão reconfortante: o Oratório há de alargar-se, há de abarcar o mundo.
Sonho misterioso de seu filho nesse ano (1856).

Um personagem pousa a mão sobre uma manivela que aciona uma grande roda. Cinco impulsos dados à manivela, cinco giros da roda. Cada giro, um decênio. Dentro de 50 anos a voz do Oratório terá ressonância no mundo inteiro. Em Turim, no Piemonte, no resto da Itália, na Europa, no mundo inteiro.

Margarida arregala os olhos, abraça o universo com sua fantasia: o coração se lhe dilata, enche-se de alegria, uma doce, infinita alegria.

A GRANDE COLMEIA

Em março de 1856, mobilização geral no Oratório!

Vai-se construir um edifício de quatro andares.

Margarida derrama algumas lágrimas: vem abaixo a "velha casinha Pinardi" que ainda estava de pé, como uma relíquia das primeiras horas.

Ela se tinha afeiçoado àquelas velhas paredes. Cremos também que a penalizava ver desaparecer um testemunho de pobreza. Entre sua casa dos Becchi e a casa Pinardi, achou-se sempre em equilíbrio; mas agora, esses quatro andares... Margarida chegará a vê-los subindo, apenas durante quatro meses! Mas ela também colabora, colaboram todos. "Durante os recreios os meninos ajudam a derrubar as paredes (é até uma brincadeira!) e a carregar os tijolos (o que é menos agradável), a fim de ganhar tempo e diminuir as despesas." Afinal, é a casa deles!

Pelos fins de julho já estão prontas as cumeeiras e já se providenciaram as telhas!

As formigas trabalham no seu majestoso formigueiro.

Margarida sorri e encoraja, ajuda como pode e chora com os rasgões inevitáveis que vão sofrendo as roupas.

UM EPISÓDIO SIMPÁTICO

"Enquanto os trabalhos ferviam, ao sair do Oratório, Dom Bosco encontrou um dia uma fila de burros parados no caminho estreito. Parou também ele.
Os tropeiros quiseram tranquilizá-lo:

— Não tenha medo, pode ficar tranquilo e vir andando; são animais muito mansos.

— Minha mãe dizia-me sempre: 'João, não se fie de quem não vai se confessar'."

Será que os burros e os tropeiros compreenderam?

Queremos crer que estes últimos, sim, pois sorriram, enquanto Dom Bosco passava, sorrindo também, e seguindo-os com seu olhar vivo e expressivo.

UMA BRINCADEIRA DE MAU GOSTO DO DEMÔNIO

No dia 22 de agosto, lá pelas 10 horas da manhã, a parte do edifício voltada para o norte vem abaixo. Dos três andares resta apenas um montão de escombros.

Esses desabamentos imprevistos, sinais de destruição, despedaçam o coração de Margarida.

Quanto dinheiro perdido, que perigo para os meninos, seus filhos adotivos!

Que pavor se apoderou de todos, ainda mais que Dom Bosco não estava em casa!

Por felicidade, poucos minutos antes, os meninos tinham deixado o rés-do-chão da ala danificada, para dirigirem-se à escola. Nenhuma vítima também entre os operários.

Ainda bem que aquele seu santo filho saberia aliviar com humor, naquela noite, o coração de Margarida e dos meninos. Depois de ter ouvido a narração do que ocorrera, foi capaz de dizer:

— Ah! vocês não prestam mesmo para nada. Então vocês estavam em casa e não foram capazes de ir depressa colocar o dedo debaixo do teto, para impedir que ele desabasse?

Isto é arte do chifrudo. Já é segunda vez que ele tem o mau gosto de nos pôr abaixo a casa; mas não faz mal. É com Deus e com Nossa Senhora que ele tem que se haver, está perdendo tempo.

Secam-se as lágrimas, volta o sorriso, Margarida está agora tranquila. Mas os anos sempre pesam, e os abalos... são abalos. Tantos sobressaltos, tantas angústias, tantas dores vão gastando o velho carvalho, roendo-o.

ÚLTIMA FESTA DO ROSÁRIO

Poderia Margarida imaginar que a festa do Rosário daquele ano, celebrada nos Becchi, seria a última da sua vida?

Foi a derradeira visita que fez à casa natal de seus filhos; à colina que a tinha visto esposa jovem e fiel, mãe feliz, viúva corajosa e enérgica.

Naquele ano, a festa foi mais solene: era a festa do adeus. Depois da modesta orquestra de violino, cítara, harmônio e flauta, tocados respectivamente por Tomatis, Cerruti, Bersanoe outro cujo nome não chegou até nós, seguiu-se a rumorosa banda do Oratório.

Além dos 30 alunos trazidos de Turim, havia jovens de Asti, Chieri, Buttigliera, Castelnuovo, Moriondo e de outras partes.

Para todos foi servida polenta (última polenta de Margarida) e carne.

Dormiram à luz das estrelas!

ÚLTIMA MUDANÇA

Logo em princípios de novembro, a construção estava pronta. Mas era tudo diferente.

A cozinha do rés-do-chão — até então reino de Margarida — bem como o refeitório dos superiores, dava lugar à carpintaria.

E para onde se mudou Margarida com as suas panelas?

Para o porão!

No porão estavam a cozinha e os refeitórios.

A boa Margarida já não podia respirar o ar puro de antigamente. E sua horta? E as galinhas? Por enquanto, nada disso existia mais.

No terceiro andar ficavam "a sala de música instrumental, a despensa, a enfermaria, os quartos de Mamãe Margarida e das suas auxiliares e, na extremidade oposta, uma grande sala era a rouparia da comunidade".

Podemos imaginar o sacrifício que custou a Margarida, deixar os lugares a que se afeiçoara.

E que dizer das escadas que era preciso subir e descer?

E ter a tanda nas vizinhanças, quando trabalhava com as outras senhoras no conserto da roupa miserável de seus pobres filhos?

Um bom divertimento, aqueles sons pouco harmoniosos, especialmente durante os ensaios!

Chegou, porém, para ela a hora do prêmio. Não ficou nem quatro semanas nos novos locais.

Adoeceu por causa da umidade do porão? Seriam responsáveis as paredes frias dos novos ambientes?

A ASA DA MORTE

Uma pneumonia aguda, a mesma doença que tinha roubado aos filhos o pai e, a ela, o marido. Em meados de novembro de 1856 a boa Margarida caía doente; adoecia gravemente aquela que tinha ocupado o lugar da mãe para tantos jovens; aquela que, com sua bondade, com suas atenções e solicitudes, fazia-os esquecer a mãe que morrera ou que estava longe.

Orações fervorosas da parte dos jovens, dias de esperança e de temor.

"A todo momento, este ou aquele jovem chegava perto da porta do quarto da doente, para pedir notícias.

À noite, depois das orações comunitárias, era com ansiedade que esperavam que Dom Bosco ou o padre Alasonatti os informassem do seu estado. Nenhum ia deitar-se sem tê-la primeiro recomendado à Virgem Consoladora."

O MÉDICO

Desde suas origens, o médico do Oratório tinha sido Francesco Vallauri, morto fazia poucos meses.

Dom Bosco tinha querido que seu corpo fosse transferido par ao Oratório, onde celebrou solenes exéquias.

Na porta da igreja, lia-se esta inscrição: "Pela alma do falecido Senhor Francisco Vallauri, doutor em medicina e cirurgia, Prior emérito da Companhia de São Luiz

Gonzaga, Benfeitor insigne do Oratório de São Francisco de Sales, os jovens deste Oratório, cheios de gratidão, pedem ao Senhor paz e repouso eterno".

Margarida tinha em grande consideração o bom médico, junto com o qual tantas vezes se inclinara à cabeceira dos filhos doentes.

Agora, o médico era "o doutor Celso Bellingeri, católico fervoroso, médico eficiente dos meninos internos e professor de ciências naturais dos primeiros clérigos que se preparavam para entrar na universidade".

Dom Bosco devotava-lhe grande amizade e lhe era extremamente grato.

O bom médico fez o que então se sabia e podia fazer contra a pneumonia, isto é, bem pouco.

À CABECEIRA DA MÃE

"Dom Bosco passava tempo notável junto à cabeceira da mãe, não deixando faltar nada que a pudesse aliviar, confortando-a com santos pensamentos e jaculatórias.

Velavam com ele, atentos e devotados, o irmão José, vindo às pressas de Castelnuovo, a tia Maria Anna Occhiena e a senhora Giovanna Maria Rua."

OS ÚLTIMOS SACRAMENTOS

"O mal recrudescia inexorável. Cheios de angústia, os jovens souberam que o teólogo Borel, diretor espiritual de Margarida, tinha ido confessá-la. Mais consternados ficaram quando lhe foi administrado o santo Viático."

ÚLTIMAS LEMBRANÇAS PARA O FILHO

Muitas outras vezes Margarida havia querido ter a sós Dom Bosco a seu lado, para abrir-lhe o coração, para semear no coração dele palavras cheias de sabedoria e de fé.

Ouçamos o que lhe disse no leito de morte:

"O que lhe digo agora faço-o com a mesma sinceridade com que lhe falaria em confissão; é para que você possa conhecer melhor o estado do Oratório (ela está falando da obra comum, do objeto de seu comum amor).

Você deve depositar grande confiança naqueles que trabalham com você na vinha do Senhor, mas somente naquelas coisas de que você está certo que são para a glória de Deus.

Preste atenção porque muitos, em lugar da glória de Deus, procuram o interesse próprio (ela bem os conhecia: o olhar da aldeã é muito inteligente!).

É preciso que eu me vá e deixe as coisas da Casa em outras mãos. É uma troca que pode ter consequências desagradáveis. Mas Nossa Senhora não deixará de tomar conta das suas coisas; não procure nem elegância nem brilho nas obras. Procure a glória de Deus, mas ponha na base a pobreza de fato.

Você tem alguns que amam a pobreza nos outros, mas não neles mesmos. A maneira mais eficaz de ensinar não é a de exigir dos outros.

Sua família deve se conservar no seu estado próprio, isto é, de pobreza: isto fará um grande bem".

CONHECIA TODOS E TUDO

Uma convincente prova da perspicácia de Margarida.

Desce a particulares confidenciais, a respeito do Oratório.

"Rua, Cagliero, Durando, Francesia serão seus preciosos e fiéis auxiliares. Não se fie de...

Quanto aos dois irmãos Fer... fique de sobreaviso: o que pretendem é se beneficiar da sua generosidade; nada mais. Recomendo-me às orações de todos os padres, clérigos e jovens da casa.

Se for aceita pela misericórdia do Senhor, rezarei incessantemente pelo Oratório...

Presentemente você faz aquilo que sabe e o que não vê, mas depois você vai ver e vai saber, quando tiver recebido a luz da Estrela."

Margarida insiste sobre a ideia de que a Estrela, Nossa Senhora, vai fazer-lhe sempre novas revelações, para iluminá-lo na sua missão salvífica.

ÚLTIMAS PALAVRAS DIRIGIDAS A JOSÉ

Falando a Dom Bosco, Margarida mostrara-se cheia de sabedoria... a superiora do Oratório. Agora, dirigindo-se ao seu primogênito, mostra-se mãe, avó cristã.

Ouçamo-la:

"Meu José, tenho de deixar você e sua família.

Fiz sempre o que pude e parece-me que todos vocês corresponderam.

Quero, porém, que seus filhos se conservem na condição em que Deus os colocou, a menos que aspirem ao estado religioso ou eclesiástico.

Repare bem que, na sua condição, serão camponeses, mas ganharão honestamente o pão da vida.

Se mudam de estado, correm o perigo de se tornarem esbanjadores do fruto de seu próprio suor.

O que estou lhe dizendo agora você vai examinar e servir de norma em muitas coisas que, agora, minhas poucas forças me impedem de explicar-lhe.

Continue a fazer tudo o que puder pelo Oratório.

A Virgem Santíssima ajudará você, tornará felizes seus dias e os de sua família".

A UNÇÃO DOS ENFERMOS

"Quando se tratou de administrar-lhe a Unção dos Enfermos, repetiu a João o que já lhe havia dito antes.

— Houve um tempo em que era eu que ajudava você a receber os sacramentos da nossa santa religião. Agora é você que deve ajudar sua mãe a receber dignamente estes últimos sacramentos da minha vida.

Você vai me acompanhar para rezar as orações necessárias. Eu tenho dificuldade para articular as palavras: você então vai dizê-las com voz bem clara, e eu vou procurar repeti-las, ao menos com o coração.”

Dom Bosco fez um grande esforço e obedeceu... até o fim.

A ÚLTIMA NOITE

“Chegava a noite que devia ser a última para ela.

Dom Bosco tinha velado até muito tarde, assistindo a querida enferma, mas sua dor era imensa.

Do outro lado do leito estava José que, embora amasse de igual forma a mãe, conseguia dominar melhor a angústia do coração.”

AMOU-O ATÉ O FIM

“De repente a boa mãe voltou-se para Dom Bosco e lhe disse:

— Deus sabe o quanto tenho amado você durante a minha vida. Espero poder amá-lo ainda mais e melhor na feliz eternidade.

Estou com a consciência tranquila, cumpri meu dever o quanto pude. Pode parecer que às vezes usei demasiado rigor em alguma circunstância, mas não foi assim.

Diga aos nossos queridos filhos que eu trabalhei para eles e lhes dedico uma afeição de mãe.

Recomendo que rezem muito por mim, que façam ao menos uma comunhão em sufrágio da minha alma.

Neste ponto, ficaram ambos tão comovidos que por um instante a conversa foi interrompida.

Margarida respirou profundamente e continuou:

Vá embora, meu querido João; afaste-se da minha presença, porque eu sofro muito vendo você tão aflito, e você também sofre presenciando meus últimos momentos. Adeus, querido João.

Lembre-se de que esta vida consiste em padecer.

Os verdadeiros gozos teremos na vida eterna. Vá, vá para seu quarto e reze por mim.

Dom Bosco hesitava em afastar-se do leito da mãe.

Margarida fixou nele os olhos e levantou-os depois para o céu, como a dizer-lhe:

— Você sofre e me faz sofrer; vá rezar, que um dia tudo compreenderemos na feliz eternidade. Padre Alasonatti está aqui e me basta.”

COISAS ESTRANHAS

“Depois de tê-la ternamente beijado, Dom Bosco retirou-se para seu quarto, pensando que o perigo de perde-la não era iminente.

Quando, por três vezes, quis acender a vela, esta inexplicavelmente apagou-se. Seu pensamento voltou-se logo para a mãe, para aquela vida que ele temia estivesse para apagar-se.

Tendo finalmente conseguido acender a lanterna, aproximou-se do leito para deitar-se.

Mas, eis outra coisa estranha! O retrato de sua mãe, pendurado junto do leito, estava voltado para a parede. Dom Bosco não o tinha posto assim: ninguém em casa teria tido esta ideia, tanto mais que o reverente afeto que votavam ao superior não o teria permitido.

E então?

Tomado de grande temor, não ousou deitar-se.

— Receio, disse consigo mesmo, que seja um aviso que o céu me manda a respeito da iminente partida de minha mãe para a eternidade.”

O ÚLTIMO FAVOR

Dom Bosco voou à cabeceira da querida enferma. Era quase meia-noite.

“A mãe, dando-se conta da sua presença, fez-lhe sinal de afastar-se, mas João ficou imóvel. Ela insistiu:

— Você não pode resistir!...

Dom Bosco, sufocado pelos soluços, respondeu:

— Um filho amoroso não pode abandoná-la nestes momentos.

Margarida ficou um instante em silêncio e depois chamou-o pelo nome:

— Peço-lhe um favor — disse-lhe — é o último que lhe peço. Eu sofro dobrado vendo você sofrer. Estou bem assistida. Você vá, meu filho, reze por mim, não lhe peço outra coisa: adeus.

Foi a última saudação.”

A HORA DE DEUS

Dom Bosco se retirou, obedecendo à vontade expressa da mãe que, poucos instantes depois, entrava em agonia.

Eram 3 horas da madrugada do dia 25 de novembro de 1856.

Dom Bosco, que ainda não se deitara, ouviu os passos de José que vinha ter com ele. A piedosa mulher tinha voado ao céu. Os dois irmãos entreolharam-se sem nada dizer e romperam em copioso pranto.

E OS MENINOS?

“Não se pode descrever a dor, os soluços, o choro desconsolado, quando receberam a infausta notícia de

que a mãe de Dom Bosco — a mãe deles todos — já não existia.

— Perdemos nossa mãe, mas estou certo de que ela vai nos ajudar lá do céu. Era uma santa!”

Foi o que disse Dom Bosco aos meninos reunidos, querendo consolá-los.

“Era uma santa!” É o que dizia um mestre de santidade, era a voz de um dos maiores santos da Igreja.

Essa declaração encontra eco no coração de todos nós, de quantos amam Dom Bosco.

A HERANÇA

“Depois de morta, nada se encontrou no seu quarto que tivesse a sombra de busca de comodidades: nada que indicasse que ela tivesse de algum modo compensado os achaques da avançada idade, com bebidas, doces, vinhos, licores.

Ao contrário: algumas mulheres, que vieram para o enterro, haviam pedido a Dom Bosco licença para ficar com sua roupa.

A permissão foi dada de boa vontade. Mas ficaram desiludidas porque nada encontraram.

Margarida tinha dado todo seu enxoval para a rouparia do Oratório, suas roupas para aliviar a pobreza de determinadas famílias.

O único vestido encontrado foi o que levou para o túmulo. Nos bolsos acharam apenas doze liras, que ela não tivera tempo de gastar. Dom Bosco lhos tinha dado, poucos dias antes de cair doente, para que comprasse alguma peça de vestuário.

Era certo, porém, que aquela pequena soma iria parar na mão de algum pobre.”

Qual foi a herança deixada por Margarida?

Seu amor à pobreza!

Sua pobreza foi querida, amada, guardada como a maior riqueza!

O ELOGIO DO PAPA

No dia 31 de janeiro de 1940, festa de São João Bosco, o Santo Padre Pio XII pronunciou um discurso que reproduzimos em parte:

“Já faz mais de um século, numa pobre casa do Piemonte, vivia, com seus dois irmãos, um menino de condição bem modesta. Órfão em tenra idade, ele, que seria chamado o pai dos órfãos, só recebeu cuidados da mãe.

Com quanta sabedoria, entretanto, essa simples aldeã sem instrução, mas guiada pelo Espírito Santo, tenha educado seu filho, no sentido mais completo da palavra, pode-se dizer que a própria Igreja o reconheceu, elevando aos altares aquele que todo o mundo venera com o nome de São João Bosco. Este humilde sacerdote, que se tornou mais tarde uma das mais puras glórias da Igreja

e da Itália, foi um extraordinário educador; sua vida, portanto, oferece as mais salutares e úteis lições.

Quando Deus confia um filho a esposos cristãos, a eles repete o que a filha de Faraó disse à mãe do pequeno Moisés: Tome este menino e eduque-o para mim *(Ex 11,9).*

Nos planos de Deus os pais são os primeiros educadores dos filhos. Todavia devemos reconhecer que, nas condições atuais da vida social, a preocupação urgente do pão cotidiano torna-lhes às vezes difícil o cumprimento desse dever essencial.

Era essa em geral a situação social, quando João Bosco já sonhava em ajudar e, sendo necessário, substituir os pais nesse grave dever.

Que ele fosse providencialmente destinado a essa missão, o próprio coração o fazia sentir, com uma precoce atração; sua alma teve uma como revelação, mediante um sonho tido nos primeiros anos, no qual viu animais selvagens transformarem-se subitamente em mansos cordeirinhos, que ele conduzia dóceis ao pasto.

Para conhecer como soube traduzir em fatos esse sonho, é preciso recordar a educação que ele recebeu e a que deu aos seus jovens; nele, uma está unida à outra; *a mãe que ele teve explica em grande parte o pai que ele foi para os outros”*.

A SERVA DE DEUS MARGARIDA OCCHIENA

P. *Fausto Santa Catarina*

A partir de 8 de setembro de 1994, Mamãe Margarida tornou-se, na linguagem oficial da Igreja, a “Serva de Deus Margarida Occhiena”. Assim aconteceu quando o Reitor-Mor dos Salesianos, Pe. Egídio Viganò, apresentou oficialmente ao Arcebispo de Turim o pedido para que se iniciasse o processo diocesano de sua Causa de beatificação e canonização, aguardado por gerações e gerações de salesianos e estimulado por altas personalidades do clero, cardeais e bispos salesianos. Milhares de assinaturas continuavam a chegar à sua mesa de trabalho, sobretudo de Cooperadores Salesianos, que não poderiam esquecer a "primeira Cooperadora”.

Na visita à humilde casa dos Becchi, onde Joãozinho Bosco viveu seus primeiros anos, o Papa João Paulo II referiu-se a Mamãe Margarida e fez votos por que se introduzisse sua Causa. E em outra oportunidade, em Asti — era o ano da família — o Sumo Pontífice relembrou as "mães que souberam educar santos e pastores da Igreja: basta pensar em Mamãe Margarida, a mãe de Dom Bosco”.

"Foi esta mulher analfabeta mas rica da sabedoria do Espírito Santo — afirma ainda o padre Viganò — que assentou os fundamentos da santidade de Dom Bosco. E sobretudo participou da missão do filho, a ponto de abandonar

heroicamente as raízes serranas para viver seus últimos dez anos de vida ao seu lado numa difícil periferia de cidade capital, partilhando-lhe as dificuldades e contribuindo para aquele estilo educativo de família, típico do Oratório de Valdocco, que se tornou preciosa herança carismática.”

Dessa maneira, a 138 anos da sua morte, no ano que a Igreja dedicava à família, a Causa de Mamãe Margarida tomava novo impulso.

Não era novidade o projeto de introduzir a Causa. Não obstante, a preocupação com a Causa de Dom Bosco, mais alguns problemas jurídicos, hoje julgados menos importantes, e o conceito de santidade, ligado em decênios passados a uma heroicidade taumatúrgica, como se para ser santo fosse preciso fazer milagres em vida, paralisaram por algum tempo a iniciativa, que hoje se alicerça na forma mais válida para os critérios da Congregação das Causas dos Santos: a intercessão.

Tantos anos passaram, e Mamãe Margarida não só não foi esquecida, mas é *invocada.* Vai aumentando cada vez mais o testemunho das graças, que caracterizam a verdadeira “fama de santidade", condição preliminar à abertura do processo.

Agora ela é a Serva de Deus Margarida Occhiena. Mas, do mesmo modo como São João Bosco continua a ser chamado simplesmente *Dom Bosco,* sua santa mãe continuará a ser chamada carinhosamente *Mamãe Margarida.* Assim é que todos conhecem.

Vivia ainda Dom Bosco quando foi publicada a primeira biografia de Mamãe Margarida. Hoje são 25. Razões de sobra justificam tamanho interesse, pois seu nome está estreitamente ligado às origens do carisma da Congregação Salesiana. Aguardamos agora o desfecho de sua Causa recentemente introduzida. Se positivo, dirá que esta santa mãe que em vida esteve sempre ao lado do seu santo filho, é digna também de ficar-lhe ao lado na glória dos altares.

Para alcançar a graça de uma cura,
rezemos com Mamãe Margarida:

Deus, nosso Pai,
fonte de vida e de paz,
nós nos voltamos para Vós
na nossa dor e provação.

Vós nos convidais a ser fortes
em aceitar Vossa vontade
e ao mesmo tempo nos lembrais
que devemos resistir ao mal
e viver na esperança.

Por isso, confiantes vos pedimos
a graça da cura de...
que vive no sofrimento
atingido por grave enfermidade.

Junta-se a nós nesta súplica
aquela que foi "anjo consolador
dos doentes de sua aldeia":
MAMÃE MARGARIDA.

Confiamos nossas preces
a Maria, saúde dos enfermos
e ao Coração de Jesus, nosso Senhor:
Amém.

SUMÁRIO

EDUCADORA DE UM SANTO
Capriglio, um punhado de casas 3
Toque desabalado de sinos 3
Cristo prisioneiro 3
Fome e vexame 4
"Ja, ja! Bo! Bo! Boja" 4
Paz depois da tempestade 6
A colina luminosa 6
O chamado 7
Duas mulheres 8
Dois santos 8
Ceifado pela morte 9
Sofrendo o peso da carestia 9
De joelhos, meus filhos! 9
Depois da carestia 10
O olhar de Deus 10
Deus no universo 11
Sua mãe sabe mais do que você 11
Cabeça quebrada 12
Por outro lado, era muito rigorosa 13
O pão bento 13
Aquele que poupa a vara não ama seu filho 14
Sou mais forte do que você 14
Estava com sede? 15
Perdoai as nossas ofensas 15
U m boizinho bravo 16

... 17
Mãe sem entranhas? ... 17
Gente corajosa! ... 18
Reunião de família ... 18
"Mamãe, quero ser saltimbanco!" ... 19
Mata mais a gula ... 20
Coração de mãe não se engana ... 20
O futuro do filho ... 21
"Hospedaria Cháritas" ... 22
Perspicácia de mãe ... 22
Gasta tudo com a velhinha ... 23
O grande dia ... 24
O primeiro benfeitor de Joãozinho ... 24
A mesma intuição ... 25
O sacrifício de Isaac ... 25
Arte teatral ... 26
Desfaz-se o nó ... 27
Que é que se pode fazer? ... 28
Duas mães ... 28
Lá também existe uma Providência, não é? ... 29
A grande mestra ... 30
"Não está satisfeita?" ... 31
Durante o tempo de seminário ... 32
Pão e vinho ... 33
Uma grande provação ... 34
Dia de luz, dia de paraíso! ... 35
Luta contra o dinheiro ... 36
Anos duros ... 36
Não se aguenta mais de pé ... 37
O mal é sério ... 38
"Dom Bosco está louco!" ... 38
O viático para Dom Bosco ... 39
Nos Becchi, a ressurreição! ... 40

MÃE DOS MENINOS POBRES
Um dilema imperioso ... 41
Você vai ter um anjo a seu lado ... 41
Estou pronta ... 42
Descendo as colinas ... 42
A Providência não falta ... 42
Ai do mundo se souber! ... 44
O enxoval de esposa para o Esposo! ... 44
Horta Mamãe Margarida ... 45
A árvore da vida ... 46
Os haveres de um padre: patrimônio dos pobres ... 47
Oh! Animais nojentos! ... 48
Quartos vizinhos um do outro ... 48
Sempre muito viva e franca ... 49
Apagar um vulcão? ... 50
Isto também é demais! ... 51
Lençóis e cobertores desaparecem ... 52
Passarinho ensopado de chuva ... 53
A primeira "boa-noite" ... 54
Os filhos se multiplicam e o coração se alarga ... 54
Em alto mar ... 55

55
O primeiro atentado 57
Um livrão a mais 57
Batalhas de rua 58
Feijão 59
Rancho 60
Mas e o pão? 60
Braços enlaçados 61
Uma graça especial 61
Como Dom Bosco 62
Pedagogia admirável 62
Nada de dualismos 63
Suas advertências 64
Com os preguiçosos 65
Com os gulosos 66
A oficina ou o "Rondó"? 66
Agridoce 67
Os resultados 68
Cuidado, João! 68
Com os que tinham sido castigados 69
Intervenção em dois e em três atos 70
Dom Bosco não é tudo 71
Na ausência de Dom Bosco 72
O grande fermento 73
"Mamãe, com quem está brigando?" 74
Tempos calamitosos 75
Guerra dentro de casa 76
Uma pura alegria 77
Um grande luto 78
A casa de "Propaganda Fide" 79
O Seminário da Arquidiocese 80
Três senadores na "sala do trono" 80
Será o fim? 82
16 de novembro 83
Simpatia "margaridiana" 84
Quarto e sala de espera 84
Em alto nível 85
Hospitaleira e reconhecida 86
Nos palácios da bela Turim 87
A luta pela pobreza 87
A mantilha de seda 88
Suas refeições 89
Honestíssima nas mínimas coisas 89
No seu lugar 90
Estou quase, quase voltando! 91
Uma preciosa aquisição 93
O pão também 94
Só faltava isto: um piano! 94
A longa espera 95
Não diga a ninguém 95
Pode-se pregar mentira? 96
Pão seco? 97
Enfermeira 97
Um terremoto infernal 98
A primeira igreja construída por Dom Bosco 99

O retrato de Mamãe Margarida 100
José, o filho mais velho 101
Um capitão no castelo 102
A jardineira 104
Crítica literária 105
Uma bela tradição 105
Um valioso testemunho 106
Calvário do filho e da mãe 107
Margarida e o "Grigio" 109
Mamãe Margarida na oficina de encadernação 11 0
O cólera também 111
Mamãe Teresa e Mamãe Margarida 113
Mãe de bispos 114
O presente maior e último 114
Os baixinhos 115
Doces recordações 116
Margarida no dizer de Ponderano 117
Uma das últimas dores 117
O primeiro morto 118
Volve os olhos para o mundo 120
A grande colmeia 120
Um episódio simpático 121
Uma brincadeira de mau gosto do demônio 122
Última festa do Rosário 123
Última mudança 123
A asa da morte 125
O médico 125
À cabeceira da mãe 126
Os últimos sacramentos 126
Últimas lembranças para o filho 127
Conhecia todos e tudo 128
Últimas palavras dirigidas a José 129
A unção dos enfermos 129
A última noite 130
Amou-o até o fim 130
Coisas estranhas 132
O último favor 132
A hora de Deus 133
E os meninos? 133
A herança 134
O elogio do Papa 135
A Serva de Deus Margarida Occhiena 137